



"Eu sou uma revolução" - Frida Kahlo

México, 1925: Frida quer se tornar médica, mas um terrível acidente põe fim a seu sonho. Anos mais tarde, ela se apaixona pelo grande sedutor e pintor Diego Rivera e ao lado dele mergulha de vez no cobiçado mundo das artes. Sempre assombrada por problemas de saúde e sabendo que sua felicidade poderia ser passageira, Frida se entrega à vida e descobre como trilhar o próprio caminho. Com roupas de cores vibrantes e postura de divindade asteca, a artista cria uma aura particular e se torna uma das pintoras mais cultuadas de nossos tempos.

"Uma declaração de amor à arte, à feminilidade, à liberdade e à coragem de conquistar tudo isso a cada dia. Um livro adorável, delicado e cheio de energia." - Nina George

TORDESILHAS



CAROLINE BERNARD

# *Frida Kahlo*

e AS CORES DA VIDA

uma história de arte,  
amores e revoluções

Tradução  
CLAUDIA ABELING

**TORDSILHAS**



PRÓLOGO  
Dezembro de 1939



No fim da manhã, Frida entrou em seu ateliê a passos rápidos. Nessa hora, o efeito dos analgésicos era máximo. A luz do sol penetrava fluida e dourada pela janela e iluminava seu cavalete.

“Bom dia, irmãzinha”, ela cumprimentou o esqueleto de papel machê; o boneco tinha sido pintado por ela – que o vestira com uma de suas anáguas – e a aguardava sentado numa cadeira no canto. Suas tintas, guardadas em potinhos de vidro, estavam à mão sobre uma antiga bancada de marceneiro. Ao lado, os potes de barro com os pincéis, desde os muito finos, cujas cerdas não eram mais grossas que cílios, até os mais grossos, parecidos com os pincéis de barba do pai.

As paredes eram recobertas por fotos, desenhos e máscaras antigas, que à luz do sol pareciam criar vida. Várias mesas e armários baixos expunham suas bonecas e os seres fantásticos que ela havia criado durante anos; seus livros, blocos de notas, generosos buquês de flores e mil outras coisas que ela amava e gostava de observar – e que lhe serviam de inspiração. Para alguém de fora, aquele cômodo podia passar a impressão de desarrumado e entupido, mas para Frida estava tudo no devido lugar. Seus livros, organizados nas prateleiras por temas; as pastas com os artigos de jornal e a correspondência, etiquetadas com esmero. Diego às vezes troçava dela por causa disso, mas Frida dizia que era herança do pai alemão. Ela precisava de ambas: as muitas coisas ao seu redor e a organização para domá-las.

Observou a cena com um sorriso, feliz pelo ambiente familiar, cuidadosamente disposto.

Animada com o que tinha pela frente, ela se postou diante do cavalete e tocou o pano que havia pendurado sobre o quadro na noite anterior. Pela primeira vez, Frida escolhera um formato em tamanho real. Era imperioso,

agora. Todos os quadros eram importantes para ela, mas esse significava mais do que os outros. Ela puxou o pano com força para o lado e as duas cabeças surgiram. Sob as espessas sobrancelhas que se uniam na base do nariz e que faziam lembrar as asas abertas de um pássaro, seus olhos devolveram o olhar em dobro. Mesmo assim, as diferenças entre ambas as Fridas eram perceptíveis. A da esquerda tinha uma pele mais branca e uniforme que a da direita, cujo rosto era escuro como o de uma índia. A da esquerda estava levemente maquiada, e o cabelo tinha sido penteado com habilidade; a da direita exibia o buço, e o cabelo não tão brilhante estava preso num coque. Essas diferenças eram enigmáticas – mas um olhar atento conseguiria distingui-las.

Frida observou o quadro durante bastante tempo, pegou o pincel e voltou a trabalhar o fundo, composto apenas pelo céu de nuvens brancas, mas seu pensamento estava com as Fridas da tela. *Essas são as duas mulheres que tenho dentro de mim*, pensou, enquanto continuava a pincelar a tela de branco. *A mulher que quer viver do jeito que lhe convém e a mulher que carrega a carga da tradição e da história.*

Parecia haver um grande pássaro batendo as asas dentro de seu peito. Era como se o coração estivesse prestes a explodir, a mesma sensação que sempre tinha ao ouvir as palavras de Diego – aquela única palavra que mudaria sua vida. O pincel parou no ar. Ela precisava se concentrar no quadro, pintar. Precisava se encontrar nas duas Fridas, pois estava se perdendo.

Frida passou um bom tempo encarando a tela. Faltava algo decisivo. E, de repente, ela soube. Impaciente, largou o pincel sobre a mesa, pois não queria parar para lavá-lo, e escolheu outro. Misturou tintas para chegar a um tom de vermelho que continha um pouco de magenta, sua cor predileta e que em sua opinião era a síntese do México: vida e amor. Sem tirar os olhos do quadro, ela pegou um de seus muitos livros de anatomia da estante

de livros atrás de si. Depois de folheá-lo um pouco, encontrou a página. Em seguida, esboçou com traços rápidos sua ideia: desenhou um coração na roupa de cada uma das Fridas. Os corações ficaram visíveis, e uma artéria cortada pingava sobre o vestido branco da Frida europeia, que segurava uma pinça cirúrgica.

Frida olhou novamente para as mãos que as mulheres davam uma à outra. A ligação entre elas era muito forte e deveria ficar ainda mais evidente! Ela desenhou uma linha fina, delicada, outra artéria, ligando os dois corações. O mesmo sangue que fluía entre ambas, a mesma pulsação, as fortalecia. Juntas, as duas Fridas que ela unia em si conseguiriam sobreviver a tudo que viesse pela frente.



PRIMEIRA PARTE

A coluna quebrada  
1925-1930



## CAPÍTULO 1 – Setembro de 1925

“Pare de embromar e venha!”

Alejandro pegou a mão de Frida e quis puxá-la atrás de si. Frida sentiu a pele se arrepiar entre as omoplatas, algo que sempre acontecia quando eles se tocavam. Mesmo assim, ela se desvencilhou dele.

“Um momento. Esqueci o meu caderno.”

Quando voltou, Alejandro estava esperando por ela no final do corredor, ao lado de Miguel, um amigo em comum. Frida diminuiu o passo para observá-lo mais atentamente. Alejandro Gómez Arias era bem-apegoado, alto, tinha o cabelo brilhante e se vestia com uma elegância despreziosa. Alejandro havia chamado sua atenção logo no primeiro dia. Estava três séries acima da sua e fazia parte de um grupo de amigos que se chamavam Cachuchas, como os bonés de pano que usavam. Os Cachuchas eram inteligentes, conheciam literatura contemporânea e amavam pintura. Seu grande exemplo era o revolucionário José Vasconcelos, que, na condição de ministro da Educação, havia iniciado uma campanha de alfabetização e apostava em novos parâmetros para a arte. Antes de Frida se juntar a eles, o grupo era formado exclusivamente por rapazes. Afinal, poucas moças frequentavam a Escuela Nacional Preparatoria. Apesar de todas as objeções da mãe, Frida queria cursar Medicina. Acima de tudo, porém, a “Prepa” era um espaço de liberdade para Frida. Ali, ela podia finalmente fugir da rigidez da família e dos olhares dos pais e vizinhos. Diariamente ela tomava o bonde para ir de Coyoacán, nos arredores da Cidade do México, até o centro da capital.

Frida ergueu as meias de tricô até debaixo da barra da saia pregueada escura e saiu correndo. Ao passar por Alejandro, deu uma cotovelada nele.



“Vamos logo!”, ela exclamou enquanto corria escada abaixo.

“Frida! Espere! Você se comporta de um jeito impossível!”

Frida fez a curva da escada muito rapidamente, e a saia se levantou ao redor das pernas. Ela se segurou no corrimão e desceu os degraus quase aos trambolhões.

“Frida!”, ele exclamou mais uma vez. “Você arruína a reputação das mulheres desta escola.”

Frida revirou os olhos. Ela amava Alejandro de todo o coração, mas por que ele não conseguia entender que todos os movimentos eram parte da sua pessoa? Apesar da paralisia infantil superada e da perna direita torta, ela não podia imaginar uma vida sem velocidade, sem escaladas nem danças. Já era hora de ele saber disso. Por que todo mundo exigia que ela descesse as escadas de maneira bem-comportada e nunca ficasse sem fôlego? Porque era mulher? Claro que ela era mulher, e era também tão impetuosa quanto lhe convinha.

Subitamente, Frida parou no meio da escada, e Alejandro trombou com ela.

“Mas eu gosto do jeito que sou. Você está com medo de que eu seja mais rápida do que você”, ela disse.

Respirando com dificuldade, ele estava um degrau acima dela. O cabelo escuro caía em sua testa, os lábios brilhavam, vermelhos. Ele se curvou e pressionou os lábios contra os dela. Frida aceitou o beijo, depois escapou por baixo dos braços dele e continuou correndo escada abaixo, atravessando o pátio interno sombreado.

Na rua, ela sentiu o calor sufocante da tarde. Era setembro, a época das chuvas estava chegando ao fim, e o ar estava úmido. De manhã, havia garoado, e as casas pareciam ter sido todas lavadas.

Eles seguiram pela Calle Argentina em direção ao Zócalo, a gigante praça central da cidade, com a catedral e o palácio nacional. Todos se encontravam ali. Trapaceiros e *mariachis*, vendedores e desocupados,

políticos e gente simples. Frida estava embromando, porque não tinha vontade de ir para casa. Coyoacán era muito entediante. A única diversão era sua empoeirada Plaza Hidalgo, diante da igreja. Mas ali todos se conheciam, os vizinhos e o padre estavam de olho sempre. Nas ruas da capital, as pessoas se amontoavam nos mercados e nos cafés. Havia música no Zócalo, as pessoas caminhavam com cartazes ou faziam truques de mágica. E ela podia beijar Alejandro sem ser castigada.

Devido ao tempo, os terraços dos cafés não estavam cheios nesse dia. Mesmo assim, as índias tinham organizado suas banquinhas modestas sobre tábuas de madeira. Frida abriu seu pequeno guarda-chuva e passeou lentamente no meio das mercadorias expostas. As vendedoras sentavam-se diante da cerca de ferro trabalhado ao redor da catedral ou encostadas nas paredes das casas, oferecendo frutas e verduras, bordados e cerâmicas. Havia até as primeiras caveiras decoradas com glacê colorido, embora faltassem ainda algumas semanas para o Dia dos Mortos.

“Você não tem que ir à casa do Fernando hoje?”, perguntou Alejandro, tentando se desviar do guarda-chuva dela. “Não está chovendo!”

“Mas o guarda-chuva é bonito, você não acha?”, perguntou Frida girando-o na mão, fazendo as franjas presas à borda dançarem no ar. “E hoje eu não vou à casa do Fernando.”

Fernando Fernández era designer gráfico e amigo do pai de Frida, com quem ela fazia aulas de desenho duas vezes por semana. Como pagamento, ela o ajudava em sua loja.

Frida parou diante de sua banquinha predileta, aquela que vendia amuletos e pequenas imagens votivas pintadas em chapas de lata. Esses desenhos, que serviam como oferendas ou pedidos aos santos protetores, registravam as histórias das necessidades e das preocupações das pessoas simples. Frida passou o dedo sobre cada uma das pequenas chapas e leu as inscrições. *Quase a expressão pictórica da alma popular mexicana*, pensou ela, reverente. A índia idosa a reconheceu.

“*Mira*”, ela disse, “essas são novas”, apontando para algumas imagens do tamanho de cartões-postais.

“Veja, aqui uma mulher agradece o fato de o marido não a ter flagrado em adultério e promete ser fiel a ele a partir de então! A autora bem que podia ser você”, disse Alejandro.

“Mas eu te falei do Fernando. Além disso, a coisa não chegou até o fim. Se eu trair você uma próxima vez, antes vou pedir proteção divina para que você não descubra.”

Droga, por que ela dissera aquilo? Rapidamente Frida pegou a mão de Alejandro e lhe sapecou um beijo.

“Brincadeirinha”, ela murmurou, despreocupada. Um amuleto do tamanho da palma da mão chamou sua atenção. Era de um vermelho-vivo com incrustações amarelas. Nessa banquinha havia também um coração de lata com uma borda de louça colorida. No coração, via-se o perfil de um homem e de uma mulher, um casal, sem dúvida.

Frida pegou ambos os objetos na mão e mostrou-os a Alejandro. “Qual deles?”, ela perguntou.

“Pegue esse”, ele decidiu, apontando para o amuleto.

“Ah, não. Prefiro o coração.” Enquanto falava, ela o olhou de uma maneira instigante. “Agora podemos ir embora”, ela disse com um sorriso e deu o braço para ele, depois de ter guardado cuidadosamente o coração debaixo da saia.

Ao lado, havia um tipo de bonde puxado por cavalos e que se movia quase na mesma velocidade que eles. O cheiro forte dos animais suados penetrou no nariz de Frida.

“Este é o nosso”, disse Alejandro, querendo subir.

“Espere, deixei meu guarda-chuva na banquinha”, ela exclamou. “Vou buscá-lo num instante.”

Ao retornar, o bonde já havia partido.

“Então vamos pegar o ônibus. Lá, pelo menos, não é tão fedido”, ela



sugeriu.

Não havia muito que os novos ônibus circulavam pela cidade. Os veículos eram, em sua maioria, velhos modelos Ford americanos que tinham sido adaptados. Mas andar de ônibus era considerado chique. No mesmo instante, o ônibus vermelho com a inscrição “Coyoacán” dobrou a esquina. Frida andou ao lado do veículo até chegar à porta aberta.

“Pare! Quero entrar!”, ela gritou para o motorista, enquanto dava um salto em direção aos degraus.

O motorista freou, e a imagem da Sagrada Virgem de Guadalupe balançou alucinadamente de um lado para outro no para-brisa.

“E o meu amigo também”, ela falou, sem fôlego. Frida esticou a mão para Alejandro, que também subiu.

Ela foi andando entre os outros passageiros, que estavam sentados em bancos de madeira dos dois lados do corredor, até chegar ao fundo do ônibus. O veículo partiu novamente, dando um solavanco, e ela foi lançada contra um homem pançudo. Com esforço, Frida se reequilibrou e se segurou numa barra de apoio. Alejandro espremeu-se ao seu lado. Ela sentiu o corpo dele bem próximo ao seu, olhou para ele e sorriu. As janelas abertas deixavam entrar o aroma de *tortillas*. O motorista entrou velozmente numa curva, e o corpo de Alejandro a pressionou ainda mais. Ela conseguia sentir o coração dele batendo. E um repuxar gostoso no ventre.

“Desculpe”, o rapaz murmurou, mas seus olhos diziam que ele também estava gostando do contato.

No ponto seguinte, entraram dois homens. Suas jaquetas rústicas estavam manchadas de tinta. Frida sentiu o cheiro de terebintina quando eles se postaram ao lado dela. Ambos carregavam baldes, e um deles equilibrava um saco feito de papel-jornal. As beiradas do saco reluziam sob o sol. De vez em quando caía dali um punhado de algo que parecia purpurina.

“É ouro?”, Frida perguntou curiosa.



O homem assentiu. “Para os afrescos da ópera.” Ele esticou o saco em sua direção, e ela reconheceu os minúsculos pedacinhos de laca dourada.

Frida percebeu o ruído do bonde que vinha em direção contrária, mas sua atenção ainda estava voltada para o pó brilhante de ouro. Uma partícula mínima planou no ar e se prendeu nos pelos de sua axila. Ela tentou arrancá-la com as pontas dos dedos. De repente, ouviu-se uma buzina aguda, o ônibus foi lançado para o lado, e começou a rodar. Frida tentou se segurar novamente na barra de apoio que havia soltado para pegar o pó de ouro.

Então foi a vez de uma freada brusca, ouviu-se o barulho do atrito dos pneus, e o pó dourado choveu sobre Frida. O ímpeto da colisão fez com que ela caísse no chão.

“*Dios mío!*”, ela escutou uma mulher ao seu lado exclamar, em pânico. Ela viu o ar brilhando, amarelo, escutou ruídos horríveis e pessoas gritando. De repente, ficou de pernas para o ar. Ela não enxergava mais nada, só o ouro reluzindo sobre os braços. E cacos prateados – Frida pensou em diamantes. Em seguida, ela foi arremessada ao chão. À luz do sol, ela também reluzia como se fosse de ouro. Onde Alejandro tinha se metido? Há pouco ele ainda estava bem ao seu lado. Então algo brilhante caiu em cima de Frida, mas dessa vez não era pó de ouro, e sim algo longo e pontudo. E ela sentiu dor.

## CAPÍTULO 2

Frida despertou e viu o pó dourado. Ou seria uma lâmpada muito clara, acesa bem no seu rosto? Ela queria olhar em volta, mas não conseguia erguer a cabeça, que parecia pregada ao travesseiro, assim como o restante do corpo. Aliás, seu corpo passava uma sensação muito estranha, ao mesmo tempo quente e gelado e como se estivesse envolto em algodão. Ela percebeu que estava deitada sobre um tipo de caixote que impossibilitava qualquer movimento. Frida tentou mexer os dedos dos pés, mas não conseguiu. O pânico tomou conta dela. E uma lembrança difusa apareceu: barulho, cacos, gritos. *Estou morta*, ela pensou desesperada. *Estou morta, deitada num caixão.*

“Frida. Estou aqui com você.”

Alguém se curvou sobre ela, aproximando o rosto. Por que Matita estava lá? Frida queria dizer o nome da irmã mais velha, mas os lábios não queriam se abrir. Matita tinha fugido havia alguns anos com um homem. Desde então, ninguém mais da família havia tido notícias dela. Então Matita estava morta e ela também?

Matita aproximou-se ainda mais. Frida enxergou lágrimas nos olhos dela.

Mais uma vez ela tentou falar, mas a língua estava colada ao céu da boca. Um gemido foi o máximo que conseguiu. E então a dor voltou. Uma dor inacreditável, que atravessava seu corpo em ondas, que estocava furiosamente, parecia se recolher um pouco para depois voltar a arremeter com força total. Era generalizada. E insuportável. Em seguida, tudo ficou escuro.

Quando despertou novamente, Matita continuava sentada junto à sua cama.

“Estou aqui, Frida”, ela disse como antes. “Você está no hospital. Você teve um acidente. O ônibus...”

Lentamente Frida se recordou. O bonde que se chocara contra o ônibus, pó dourado e cacos, barulho e depois mais nada. A dor reapareceu, mas ela não queria adormecer de novo, não antes que respondessem a suas perguntas.

“Alejandro?”, ela sussurrou. As palavras saíam pastosas de sua boca. “Como ele está?”

Matita pegou a colher e deixou algumas gotinhas d’água pingarem sobre os lábios da irmã. “Ele não foi tão atingido quanto você. Ele está bem.”

“Como assim você está aqui? Onde estão mamãe e papai?”

A irmã colocou a mão sob o antebraço de Frida. “Li sobre o acidente nos jornais. Citavam seu nome. Então eu vim.”

“O que aconteceu comigo? Não consigo me mexer. Estou parálitica?”

“Você está muito machucada... no ventre. Foi operada.” Matita baixou o olhar.

Frida ergueu a cabeça com cuidado, apenas alguns centímetros, a fim de observar seu corpo. Ela viu um lençol, debaixo do qual sua silhueta esguia se desenhava. Os pés estavam presos à extremidade da cama com bandagens. Ela tensionou os músculos das coxas, e a dor se fez presente de novo. Gemendo, ela voltou a se deitar.

“Os médicos dizem que você não deve se mexer, para que tudo possa se consolidar direito”, disse Matita. “Por isso amarraram você.”

“O que tem de se consolidar? Me diga!”

Matita engoliu em seco. “Bem, em algum momento você vai acabar descobrindo... A barra de apoio do ônibus perfurou seu quadril e... acabou saindo pelo seu ventre. O rim ficou machucado. Além disso, um fêmur se quebrou, e sua perna esquerda tem onze...”

“A esquerda?”, Frida sussurrou. “A perna boa?”

A irmã fez que sim com a cabeça.

“O que mais? Quero saber tudo.”

“Sua perna direita também foi afetada. O pé foi amassado e sofreu um entorse. E o ombro direito também saiu do lugar.”

Frida fechou os olhos.

“Onde estão mamãe e papai?”, ela perguntou mais uma vez.

“Mamãe ainda não voltou a falar comigo. Soube do acidente pela Cristina. Eles estão todos em casa, em estado de choque e... de luto. Depois de saber do acidente, mamãe passou dias sem comer e sem falar. Ela se recusa a vir ao hospital.”

“E papai?”

“Ele ficou doente de tanta preocupação. Você sabe...”

“Você está dizendo que ele teve uma convulsão?” Havia muitos anos o pai sofria de ataques epiléticos, mas tinha demorado muito até o assunto ser permitido na família.

De repente, *flashes* estalaram na memória de Frida. Ela ainda era criança quando Guillermo tivera o primeiro ataque. O tremor incontável nas pernas, os olhos revirados... Depois desse evento, sua irmã desaparecera por três dias. Apenas anos mais tarde ela compreendera que as coisas não estavam relacionadas.

Matita inspirou fundo.

“Frida, você tem de lhes dar tempo para se acostumarem à situação. Seu acidente foi um choque. E até eles virem aqui, estarei com você. Dia e noite.” Ela tomou a mão de Frida e apertou-a com delicadeza. “Estou feliz por estarmos juntas de novo, mesmo nessas circunstâncias...”

Frida fechou os olhos.

Uma das mulheres que dividia o quarto com Frida começou a rezar uma ave-maria em voz baixa.



“Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém. Ave Maria, cheia de graça...” Ela continuou assim por horas, levando Frida à loucura. Como odiava aquele hospital! Ela estava com vinte e cinco outras mulheres num salão grande, sem qualquer decoração e com a luz sempre mortiça. As janelas pequenas eram tão altas que não dava para olhar para fora. O ar era sufocante e deteriorado, a temperatura, alta demais. Entre as camas, mas somente junto às cabeceiras, havia biombos que passavam uma sensação enganosa de privacidade. Frida escutava todo e qualquer ruído, roncos, gemidos e o choro das outras mulheres, mas aquela que rezava era a mais irritante. As outras podiam ao menos ficar sentadas e dar até alguns passinhos. Ela, por sua vez, estava condenada a ficar deitada de costas, imóvel, observando o teto. Sem a irmã, ela teria morrido de tédio. Mas, a cada vez que acordava de seu sono agitado, Matita estava ao seu lado. Que gratidão infinita sentia por isso! Matita ficava sentada numa cadeira desconfortável junto à sua cama, tricotando, dava-lhe de beber, trazia a comida e alimentava-a, lia em voz alta e arrancava risadas de Frida com suas histórias malucas.

Frida tentava ser forte enquanto Matita estava ali. Mas, quando escurecia do lado de fora, as visitas precisavam partir. A cada noite, de coração pesado, acompanhava a partida da irmã. E depois que Matita lhe dizia “Até amanhã!” à meia voz na soleira da porta, Frida se recostava na cama, exausta. Logo em seguida as luzes eram apagadas, e as sombras faziam companhia às mulheres. Cada uma tinha seus próprios demônios, seus próprios pesadelos.

Um gemido abafado vinha de uma das camas vizinhas. Ele se transformou num choro muito leve e depois silenciou.

O silêncio pesava sobre Frida feito uma pedra. Ela quase desejava ouvir de novo os gemidos e as orações da mulher na cama vizinha. Assim, ela teria algo com que se irritar, e isso a distrairia do desespero inominável que a acometia. Até poucos dias atrás, até antes do terrível acidente, ela era

ainda uma jovem despreocupada, com um futuro feliz, cuja vida era cheia de cores e de segredos à espera de serem revelados com alegria e curiosidade. Mas e agora? Não havia mais segredos. Nenhum futuro. Era como se um raio tivesse atingido a Terra, iluminando todos os seus cantos. Seu planeta tinha se transformado num planeta de dores, transparente feito gelo; por trás, havia apenas o vazio. Frida tivera de aprender todas as lições da vida num único segundo, no momento do acidente. Ela seria doente pelo resto da vida, e pelo resto da vida sentiria dores. Sua vida tinha acabado antes mesmo de começar de verdade. No restante da noite, Frida tentava imaginar seu futuro – e, independentemente de quanto se esforçasse, não via nada de belo nele. Ela se via como uma mulher velha, com uma vida sem qualquer brilho ou encantamento. Foi tomada pelo pânico. Lágrimas molhavam seu rosto, e ela ergueu a mão para secá-las. Nessa hora, sentiu a dor atravessar sua coluna. Nem esse pequeno alívio lhe era concedido! Não, ela não queria viver assim. Era melhor morrer. Aliás, os médicos consideravam um fenômeno o fato de ela ter sobrevivido aos ferimentos sérios. E se ela simplesmente parasse de lutar por uma vida que não tinha mais qualquer magia para ela? A ideia lhe pareceu sedutora e ninou-a num sono conturbado.

Quando acordou na manhã seguinte e olhou para a cama da vizinha que tinha ficado gemendo na noite anterior e depois silenciara de repente, Frida descobriu que estava vazia. Uma enfermeira recolhia os lençóis.

“Certamente logo chegará uma nova paciente”, ela disse para Frida.

E se a mulher tivesse morrido no seu lugar?, Frida se perguntou. Para lhe mostrar como era morrer? Que a morte encerrava tudo, para sempre? E se, no fim das contas, houvesse ainda uma vida sem dor à sua espera? Ou com dor? Ela teria coragem de tentar? Será que ela ainda estava viva para mostrar isso a todos? Ela encontraria força para tanto, assim como antes, depois da paralisia infantil?

“Sim”, ela disse em voz alta. E repetiu: “Sim!”.

“A morte dança pelas camas à noite”, ela disse quando Matita entrou pouco tempo depois com aromáticos pãezinhos com canela para o café da manhã. “Eu a vi. Mas ela não vai me pegar!”

A irmã olhou assustada para ela.

“Frida! Do que você está falando?”

“Eu conversei com ela e expliquei que ela não deve contar comigo ainda.” Frida sorriu. “Você pode me trazer papel e lápis amanhã?”, ela pediu. “E alguma coisa para eu apoiar o papel? Quero escrever para Alejandro. Tenho de saber algumas coisas.”

Alejandro também tinha sido ferido no acidente, mas sem gravidade. Ele estava se recuperando em casa – foi o que lhe disseram os outros *cachuchas* que vieram visitá-la nos dias seguintes. Mas se Alejandro não podia vir pessoalmente, por que não escrevia? Será que não tinha vontade de consolá-la e saber notícias? Será que ele era indiferente ao seu estado? Será que ele a culpava pelo acidente? Se ela não tivesse embromado tanto, não tivesse comprado o coração no mercado nem esquecido o guarda-chuva, eles teriam tomado o bonde e não teriam sofrido o acidente.

“Você falou com Alejandro? Ele está bravo comigo?”, ela perguntou para Miguel quando ele apareceu à tarde com flores e chocolates. Ela quase não conseguia tirar os olhos dele, de aparência tão jovem, tão saudável, com tanta sede de aventuras.

“Diga logo, ele está bravo comigo e é por isso que não se manifesta?”

Miguel baixou o olhar, e Frida ficou admirando seus longos cílios.

“Não sei”, ele disse. “É melhor perguntar para ele.”

“Mas, se ele não vier, não posso fazer isso! Devo ir até onde ele está?”

Ela passou uma noite agitada. Algumas camas adiante, a mulher rezava o terço de maneira ininterrupta. Frida fechou os olhos, irritada. Ela



queria mesmo era berrar para a mulher, dizer-lhe que suas preces eram inúteis.

Ela própria já havia descoberto alguns anos antes que um Deus bondoso era ilusão... Conseguia se lembrar exatamente desse dia. Tinha treze anos e, como de costume, acompanhava a mãe e a irmã à missa. A igreja San Juan Bautista ficava a poucas ruas de sua casa. A mãe tinha reservado um banco ali, no qual seu sobrenome estava gravado. Assim que Frida atravessou a porta pesada, atrás dela e da irmã, ela entrou num outro mundo. Da luminosidade ofuscante do lado de fora para a escuridão fresca da igreja. O cheiro do incenso tomava o lugar do cheiro dos churros gordurosos. O barulho da rua se transformou no murmúrio suave dos fiéis. Frida caminhou pelo piso de lajotas lisas, entremeado com caibros de madeira. O banco estalou um pouco quando elas se benzeram e depois se sentaram. Frida deixou o olhar vagar pelo espaço, secretamente, para que a mãe não percebesse. Ela gostou do ouro no altar, dos panos com brocados dourados e das pinturas no teto. Não por causa de seu significado religioso, mas pelas cores. Um feixe largo de sol, em meio ao qual dançavam milhares de minúsculos grãos de poeira, atravessava uma janela lateral, iluminando a nave e fazendo com que Jesus resplandecesse na cruz. Frida seguiu o feixe de luz e percebeu as rachaduras profundas no teto de madeira. Teias de aranha apareceram nos cantos. Ao olhar de volta para Jesus, ela constatou que seu sorriso tinha perdido a doçura: era impossível que aquele homem magricelo na cruz fosse o salvador do mundo! Pois, se fosse, por que então ele permitia que pessoas acabassem sendo assassinadas nas ruas da cidade? Que a Igreja no México se tornasse instrumento de opressão e da contrarrevolução? Por que ela tivera paralisia infantil, embora contasse inocentes seis anos na época? Por que seu pai, um homem bom, sofria ataques epiléticos? Irritada, ela expirou com força e recebeu um olhar de reprovação da mãe. O interior de Frida estava em ebulição. Ela não conseguia parar de refletir sobre sua descoberta e sentiu um intenso



triunfo. Carregava sozinha as sequelas da poliomielite, e nenhum Deus a consolava. Mas, por outro lado, ela era livre! Livre para lidar com sua deficiência e não se deixar oprimir por ela. Livre da carga da religião. Entregue a si própria. Que sensação maravilhosa! Quando sua mãe a chamou para partirem, Frida foi a última a deixar a igreja, atrás da irmã. Pela primeira vez ela não se benzeu diante do altar. Hesitou antes de erguer o pé para ultrapassar a soleira alta da porta e depois deu um passo largo para fora. O raio não a atingiu, e ela sentiu um grande alívio.



Seus pais vieram ao hospital apenas três semanas após o acidente. Foi o tempo de que a mãe de Frida precisou para se recuperar de seu ataque de nervos.

Frida já tinha se perguntado, temerosa, se a mãe a culpava secretamente pelo ocorrido.

Mas agora essas dúvidas tinham ficado para trás, e ela estava muito feliz em ver os pais. Frida ainda se encontrava amarrada em seu colete, mas conseguia virar um pouquinho a cabeça e erguê-la, de modo que viu como sua mãe, curvada e apoiada no pai, vinha em sua direção sem nem olhar para os lados. Quando reconheceu Frida, começou a soluçar. Durante toda a visita, a mãe não falou nada. No rosto de Guillermo, a filha lia desespero e dor.

“Meu Deus, Frida!”, ele sussurrou. Queria abraçá-la e lhe dar um beijo, mas a quantidade de estruturas nas quais ela estava presa o impediam. Com um gesto desajeitado, ele se afastou.

“Vou ficar saudável de novo, papai”, ela disse. “Quero ir para casa. Não aguento mais ficar aqui. Não dá para você fazer alguma coisa a respeito?”

Ela viu o pai se agitar. Guillermo podia ser forte quando queria. E ele sempre queria o melhor para Frida.

“Vou falar ainda hoje com os médicos”, ele disse em seguida.

“Obrigada, papai”, disse Frida.

Uma semana depois, Frida recebeu alta do hospital. Dois enfermeiros a colocaram sobre uma maca e a colocaram no carro que seu pai havia alugado. Eles se esforçaram ao máximo para serem cuidadosos; apesar disso, a maca balançava, e ondas de dor atravessavam o corpo de Frida.

Não tinha importância. Finalmente de volta para casa! Finalmente sentir de novo o sol no rosto e ouvir os passarinhos no jardim! Apesar das dores, ela sorriu. Tinha recuperado a alegria e estava cheia de esperança.

No primeiro dia em casa, quando empurraram sua cama para o lado de fora, no pátio, ela ficou quase feliz. Ela brincou com os cachorros, pediu que lhe trouxessem flores e frutas e escutou a cozinheira mexer com as panelas e cantar ao mesmo tempo. A cada vez que passava pelo pátio, sua mãe murmurava orações – nas quais, vez ou outra, incluía-se uma palavra terna.

Algumas semanas mais tarde, ela pôde se levantar pela primeira vez. No início, Frida conseguiu dar apenas alguns passos, mas com o tempo ela foi ficando mais forte. Mas alguma coisa não estava certa. Andar e ficar em pé era difícil porque as dores nas costas não diminuía.

O doutor Calderón, parente distante de sua mãe, não sabia como agir.

“Temos de fazer chapas de raio-x das costas. O hospital não as providenciou.”

Frida percebeu o olhar preocupado trocado pelos pais. A questão não era apenas sua saúde, mas também os custos dos exames e das muitas visitas médicas.

## CAPÍTULO 3 – Outono de 1926

Frida maldizia os médicos em silêncio. Ela nunca teria aceitado esse tratamento se soubesse de antemão que se assemelhava à tortura! Ela estava amarrada, imóvel, por cordas grossas que pendiam do teto de uma sala vazia do Hospital Francés. Os dedos do pé roçavam de leve o piso. Sob a orientação do doutor Calderón, señor Navarro, o ortopedista, tinha prendido sua cabeça nas cordas, e depois de enrolar o corpo com bandagens de algodão, besuntara-o de gesso. As camadas se sucediam, apertando seu corpo dolorido, até ela ficar parecida com uma múmia. Além disso, a estrutura que prenderia seu corpo precisava secar. Enquanto ela aguentava imóvel, imaginou-se criança, subindo na laranjeira do quintal da casa dos pais ou descendo a rua de bicicleta, numa velocidade incrível, até a Plaza Hidalgo. Ela sempre era a mais rápida, e as quedas não a intimidavam. Em algum momento, as outras crianças pararam de chamá-la de “Frida Perna de Pau”. E com o passar dos anos o prazer do movimento tinha se tornado parte dela. Ah, como seria bom poder, naquele momento, simplesmente erguer os braços e dançar!

“Se o gesso se quebrar, teremos de repetir o procedimento”, o doutor Calderón havia lhe explicado. “Mas, se tudo der certo, você conseguirá caminhar novamente daqui a três ou quatro meses.”

O gesso úmido sobre a pele esfriou, e ela começou a tremer. Frida pensou em Dostoiévski, cujos romances ela estava devorando na época. E repuxou a boca numa careta. Dostoiévski era mestre em descrever o inferno interior. Como aquilo era adequado! Como seria bom se suas irmãs pudessem estar ali com ela, lendo em voz alta! Mas os médicos não permitiram a presença de Cristina e Matita. Desse modo, ela tinha de se



contentar com a lembrança da fuga. Ela conseguia sentir o vento roçando sua pele enquanto andava de bicicleta. Na imaginação, pelo menos, ela podia fazer tudo o que quisesse – ninguém haveria de tirar isso dela. *Para que preciso de pés se tenho asas para voar?*, ela pensava.

Frida tentou olhar ao redor da sala, na medida em que sua cabeça imóvel permitia. Nada de janelas. Nada de verde, nenhum passarinho canoro que ela pudesse escutar. Tinha apenas os azulejos cinza da parede diante de si. Alguns estavam faltando. Ela se distraiu tentando reconhecer padrões e objetos nas rachaduras, assim como gostava de fazer com as nuvens do céu. De repente, diante de seus olhos, surgiu uma imagem, um quadro de grandes dimensões e muito vibrante, com pessoas sorrindo, flores e beija-flores coloridos. Um artista que pintasse um quadro desses nas paredes nuas, diretamente diante dos olhos dos pacientes, pendurados do teto e buscando desesperadamente uma distração – um artista desses seria um verdadeiro benfeitor! Diego Rivera era alguém assim. Alguns meses antes – fazia uma eternidade –, ela o tinha observado durante o trabalho, encantando-se com suas pinturas gigantescas cheias de cores, que contavam histórias inteiras e que podiam ser lidas como um livro.

O sangue pulsava em suas têmporas, ela conseguia ouvir o próprio coração. Os rejuntes entre os azulejos começavam a dançar, a embaralhar-se, e o cinza se transformou num vermelho estriado. Era quase como apertar bem os olhos e depois olhar diretamente para o sol. A sala se tornou maior, os contornos perderam a nitidez, os limites do lugar espriavam-se. Por um instante, Frida fechou as pálpebras, exausta, mas imediatamente o coração passou a bater mais forte, e o mal-estar aumentou. Os olhos começaram a arder. Não era para chorar agora. Afinal, ela não conseguia secar as lágrimas ou limpar a remela do nariz. Pensar nisso fez com que as lágrimas escorressem mais pesadas. Ela não parou de lutar contra isso. Suas lágrimas pingavam sobre o chão e se perdiam nas fendas.



Frida arrumou-se com especial cuidado naquela manhã. A blusa branca de decote bordado ocultava o odiado colete de gesso. A perna machucada estava oculta sob uma saia longa e florida. Quem não soubesse quão danificado estava seu corpo poderia imaginar que era uma rainha descansando na cama. Ela estava rodeada de coisas bonitas. A cabeça pousada num travesseiro de linho, onde se lia “*Corazón*” bordado com linha colorida. Na mesinha lateral se empilhavam livros e seu batom. Ela havia pendurado fotos e quadros coloridos na guarda de madeira junto à cabeceira de sua cama. Um biombo grande com dois grandes papagaios ficava num canto do quarto. Frida olhou ao redor, satisfeita. Ela estava pronta para Alejandro, que havia anunciado sua vinda à tarde.

Coyoacán ficava a quase uma hora do centro da capital; para Frida, era uma distância inatingível. Quando os amigos a visitavam, Frida os interrogava. Ela queria saber de tudo, em que bares e restaurantes eles tinham ido, que música tinham ouvido, quem haviam encontrado, se sua barraquinha predileta no mercado ainda existia, que exposições tinham visitado... Sua curiosidade não conhecia limites, e pelas narrativas dos amigos ela podia ao menos imaginar ter estado presente. Ela também perguntou por Alejandro, mas as respostas a inquietaram.

Ele não aparecia fazia muito tempo, embora ela tivesse lhe escrito inúmeras cartas, pedindo insistentemente que viesse. Ele também deveria estar com saudades! Por que não vinha o máximo de vezes possível? Afinal, eles eram um casal! Ou será que ele não queria mais saber dela porque estava doente? De todo modo, ela tinha se esforçado ao máximo para parecer saudável e sedutora. De modo algum ele deveria ver as grossas ataduras da sua perna.

Assim que ouviu passos no pátio, Frida pegou rapidamente o espelho e o batom, que havia pedido a Cristina, e retocou os lábios. Depois, tentou

achar a posição mais favorável possível na cama.

Ele entrou no quarto, e ela percebeu imediatamente que havia algo de diferente. Sua aparência estava de tirar o fôlego – o cabelo basto penteado para trás, o andar leve e elegante. Mas em seu sorriso havia algo que a incomodou. Ele ficou parado na porta, claramente impactado pela cena.

“Frida, você está parecendo... pensei... me contaram das suas feridas e do seu colete... mas você está parecendo... meu Deus, você está maravilhosa!”

“Se você tivesse vindo mais cedo, teria apreciado minha visão há mais tempo”, ela disse com um traço de ironia. Mas depois escancarou um sorriso. Então ele ainda gostava dela, tinha conseguido encantá-lo novamente...

Alejandro se curvou sobre ela e beijou-a suavemente nas duas faces. Frida colocou os braços ao redor de seu pescoço e puxou-o para si. Como ela tinha sentido falta de seu cheiro! Como era bom aquele abraço! Poderia ficar horas assim, mas Alejandro se desvencilhou e sentou-se na beirada da cama. Ela queria pegar a mão dele, mas ele a escondeu entre os joelhos.

“Como você está?”, ele perguntou. Sua voz continha certa formalidade e constrangimento.

Meu Deus, ele estava agindo como se estivesse visitando uma tia velha doente e não a mulher com quem queria se casar!

“Eu escrevi tantas vezes para você falando do meu tédio aqui e da minha saudade! Pelo menos uma vez por semana.”

“Frida...”

Ela suspirou. Com um sorriso resignado, disse:

“A senhora Luna também não me visitou de novo depois do acidente.” Era assim que ela chamava sua menstruação. “Aquela barra me desvirginou. Chegou na sua frente. Talvez eu esteja grávida dela.”

“Achei que Fernández já tivesse resolvido isso”, ele disse, e Frida notou a raiva reprimida nas suas palavras.



Ela mordeu o lábio. Frida tinha contado a Alejandro de seu flerte com Fernando, porque considerava a honestidade a coisa mais importante de seu relacionamento. E também, porque queria provocá-lo um pouquinho. Não era possível que ele estivesse querendo culpá-la por ter demorado tanto para visitá-la. A conversa estava desandando.

“Trouxe uns livros para você”, ele disse rapidamente, pegando a bolsa que tinha acabado de largar ao lado da cama.

“Ah, que bom! Eu já consigo ler de novo sem ficar com dor de cabeça. E os livros alemães da biblioteca do meu pai já foram todos. Me mostre!”

Ele colocou *Moby Dick*, de Herman Melville, e *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, ao lado dela.

Frida pegou na mão dele e tentou trazê-la até os lábios.

“Frida, preciso dizer uma coisa.”

Ela bem que tinha percebido de imediato que algo estava diferente. Nervoso, ele largou a mão dela e apoiou-se nos antebraços, para empurrar o tronco dela um pouco mais para cima no travesseiro. Nessa hora, as costas doeram. Ela inspirou com um som agudo que não era apenas de dor, mas também de medo pelo que ele iria lhe dizer.

“Ok. O que aconteceu? Diga logo. Posso suportar a verdade.”

“Vou para a Europa estudar.”

Frida estremeceu e olhou para ele. Então era isso! Quando ela ainda era saudável, ambos tinham feito planos de viagem. Eles queriam ir para os Estados Unidos, para a Europa. E agora ele estava indo sem ela e tentava aplacar sua consciência pesada ao acusá-la de infidelidade. Frida caiu num abismo de tristeza.

“Esse foi sempre nosso sonho”, ela sussurrou.

Nesse instante, foi ele quem pegou a mão dela.

“Você vai ficar boa de novo. Mas isso precisa de tempo.”

“Que você não tem...”

Ele a olhou com severidade.

“Você está sendo injusta. Minha tia de Berlim me convidou. Posso morar lá enquanto estiver na Alemanha. Senão nunca conseguiria bancar uma viagem dessas. Qual a vantagem de eu abrir mão disso? Não sabemos quando você vai ficar boa de novo.”

“Quando você viaja?”

“Em duas semanas.” Ele hesitou. “E agora tenho de ir. São muitos preparativos.”

“Mas você volta para se despedir?”

“Claro”, ele disse, mas pelo seu olhar ela percebeu a mentira.

Frida o acompanhou pela janela enquanto ele atravessava rapidamente o pátio, passava pelo portão e ganhava a rua. O alívio era quase evidente. *Meu amor está partindo*, ela pensou, triste. Frida passou longos minutos encarando o portão. Depois, limpou o batom com as costas da mão. Mais um sonho tinha acabado de se desfazer no ar. Ela não se tornaria médica, não viajaria à Europa. E não viveria com Alejandro.

Cristina entrou no quarto.

“Ele já foi embora?”, ela perguntou. “Mas que visita curta! Oh, ele te trouxe livros?” Ela pegou o de Jane Austen, colocou-o de lado e, em seguida, pegou *Moby Dick*. “Você me empresta este? As pessoas vivem te trazendo presentes...”

“A gente pode fazer uma troca”, disse Frida.

Cristina crispou a boca.

“Não foi isso que eu quis dizer”, ela disse. “É que às vezes eu bem que gostaria de um pouquinho da atenção que todos dão a você.” Quando ela percebeu o olhar de Frida, completou: “Colhi umas flores para você no jardim”. Ela colocou algumas buganvílias e pequenas campânulas azuis sobre a cama. Imediatamente seu aroma chegou ao nariz de Frida.

“Ah, que lindas! Maravilhosas, tão delicadas e tão cheias de vida... Rápido, me passe o lápis.”

“Papel também?”

Frida fez que não com a cabeça. Ela pegou uma das minúsculas campânulas na mão esquerda, desabotoou a blusa e começou a desenhá-la sobre seu odiado colete. Ela gostou do que fazia e juntou borboletas às flores, pequenas caretas e a cabeça do seu papagaio predileto. Estava totalmente absorta e só parou quando não havia mais espaço em branco que pudesse alcançar. *Agora ainda estou presa, mas num mundo colorido*, ela pensou ao se recostar novamente no travesseiro, exausta. Apenas então voltou a sentir a dor que lancinava seu corpo.

“Isso é incrível”, disse seu pai quando veio vê-la à noite, como de costume. “Tão cheio de vida!”

“Estou apenas tentando deixar o mundo ao meu redor um pouco mais bonito. Além disso, consigo me esquecer das minhas dores enquanto pinto. Mas me conte o que você fez. O que a vida lhe deu de presente hoje?”

Guillermo sentou-se cuidadosamente na beirada da cama e refletiu um pouco.

“Fui ao Zócalo e fotografei os prédios do lado oeste. Você sabe, aquele projeto para o governo. Veja, catei secretamente algumas flores do jacarandá que fica diante do Palácio do Governo.” Com um sorriso, ele depositou as flores de um violeta radiante sobre a colcha. “Talvez você possa pintá-las também.” Enquanto falava, o pai não tirava os olhos dos desenhos. “Agora o colete não parece mais tão ameaçador”, ele disse. Depois, levantou-se. “Volto logo.”

Frida escutou-o falar do lado de fora com sua mãe, mas não conseguiu compreender o que ele dizia. Alguns minutos depois, ele estava de volta carregando a grande caixa de pintura que ficava na estante do seu escritório e que Frida cobiçava desde criança. Na outra mão, ele trazia a paleta e um grande vidro com pincéis de diversos tamanhos e espessuras.

“Você vai me dar aulas de pintura de novo?”, perguntou Frida. Ela gostava de se lembrar dessas horas em companhia do pai.



“Não. Mas acho que você precisa disso mais do que eu agora”, ele disse, colocando desajeitadamente a caixa sobre a cama. “Eu devia ter tido essa ideia antes.”

“Não consigo me levantar, papai. Não consigo nem ficar sentada. Como vou pintar?”

“Sua mãe deu uma sugestão. Amanhã vou falar com Agosto. Ele vai construir um cavalete especial para você, que colocaremos sobre sua cama e com o qual você poderá pintar deitada.” Ele saiu rapidamente do quarto e logo em seguida estava de volta com um espelho grande. “Para que você tem uma cama com dossel?”, ele perguntou, batendo as mãos. “Vamos pendurar esse espelho sobre sua cabeça. Assim você conseguirá enxergar melhor o que está pintando no seu colete.”

“Eu poderia pintar a mim mesma, eu e minha vida. E as histórias que você me conta”, disse Frida. Uma esperança brotou dentro dela. “Eu poderia embelezar minha vida com a pintura, assim como o colete.”

“O que você disse?”, perguntou o pai.

“Ah, nada”, ela respondeu. A ideia tinha vindo num lampejo, e ela a achou tão preciosa e frágil que não quis dividi-la. Frida abriu a caixa de pintura com as tintas a óleo e passou o dedo sobre o azul e o magenta. Azul como as flores do jacarandá, vermelho como seu sangue, vermelho como as saias das mulheres do mercado... Ela imediatamente enxergou imagens nas quais poderia usar esse vermelho. Queria começar imediatamente.

Impaciente, Guillermo chamou Cristina para ajudá-lo a pendurar o espelho, despertando Frida de seus sonhos. Sua irmã veio e subiu no colchão da cama, a fim de escorar o espelho pesado, enquanto o pai o prendia com tiras. Sem querer, Cristina pisou na lateral do corpo de Frida. Ela deu um grito de dor, mas depois cerrou os dentes e disse rapidamente:

“Não foi nada, continue!”

Depois de terem pendurado o espelho, sua irmã e seu pai olharam Frida com expectativa. Frida ergueu o olhar... e levou um susto. Essa era

ela? Esse semblante aflito, torturado pela dor, era o seu? Esse ser magro?

“Me deixem sozinha por um momento, por favor. Tenho primeiro de me acostumar com esse espantalho na minha cama.”

Olhos escuros enormes, com olheiras profundas de cansaço e dor. Acima deles, sobrancelhas pretas que pareciam asas de pássaros e dominavam o rosto. Faces encovadas sem cor, um nariz pontudo. Abaixo, uma boca bem desenhada, realçada por restos de batom vermelho. E o pescoço branco, visível pelo decote da blusa, as mãos de dedos compridos e unhas longas e pontudas, com as quais ela sabia brincar de maneira tão elegante pelo ar e que agora estavam cruzadas como para uma oração. Seu olhar vagou novamente para o alto, para o cabelo. Havia uma risca bem no meio, e os fios estavam penteados para trás. Como não usava franja, a testa alta e clara ficava à mostra, ligeiramente sombreada por alguns fiozinhos escuros, recentes. Ela pensou em como pintar esse rosto, e, para sua surpresa, de repente ele se transformou. Sob a dor, nasceu um sorriso, expressão de esperança e de confiança contida. E se ela pudesse modificar com a pintura não somente seu ambiente, mas também toda a sua vida?

Após despertar na manhã seguinte, o primeiro olhar de Frida foi novamente para o seu torso, que estava bem visível no espelho ligeiramente inclinado sobre sua cabeça. A cada vez ela descobria novos detalhes e se perguntava como esse rosto cansado haveria de impactar as outras pessoas. Ela estudou o próprio rosto durante muito tempo, até Agosto – que tinha uma marcenaria a poucas casas de distância – trazer o cavalete. Era uma construção simples de várias madeiras presas entre si e que podiam ser reguladas. Duas delas foram colocadas sobre sua cama, à esquerda e à direita de seu corpo, onde a prancha de pintura era aberta e presa por trás com dois apoios. Assim era possível ajustar o ângulo à vontade, inclusive até a prancha ficar diretamente sobre o rosto de Frida. Seu pai entrou e observou o apetrecho. Em seguida, colocou um papel no cavalete e deixou

Frida a sós.

Quando mergulhou pela primeira vez o pincel na tinta e fez um risco no papel, Frida sentiu-se tomada por uma verdadeira onda de felicidade. Quase soluçou de alívio. Se não podia ir ao encontro do mundo, então talvez pudesse trazer seu mundo para a tela. O movimento solto com o qual ela conduzia o pincel já lhe fazia bem. No início, ela pintou livremente linhas e círculos, a fim de experimentar. Por fim, acabou pintando deitada, e era difícil segurar o pincel naquela posição incomum. Alguns pingos de tinta caíram sobre sua blusa e sobre o travesseiro porque o pincel estava molhado demais, mas ela acabaria aprendendo.

Ela ainda não sabia o que queria pintar de verdade. Tudo, de preferência! Um quadro que teria lhe ajudado a suportar as horas que seu colete de gesso levaria para secar. Um quadro cheio de cores, que sobrepujaria os lastimáveis rejuntas dos azulejos cinza! Sim, era exatamente isso que ela queria pintar! Claro que ainda era uma iniciante, mas nela brotava a certeza de que estava no começo de algo muito novo, que proporcionaria um novo conteúdo para sua vida.

Frida suspirou de felicidade e mergulhou o pincel mais uma vez na tinta.

Guillermo ficou impressionado ao ver seu primeiro quadro, o retrato de Amelda, a cozinheira índia. De início, Amelda não quis se deixar retratar, porque temia que sua alma ficasse presa na tela. Frida, entretanto, conseguiu persuadi-la.

“Eu também pintei Adriana”, disse Frida toda orgulhosa, apontando para um outro quadro que estava apoiado na parede ao lado da cama. Nele via-se sua irmã mais velha Adriana usando um vestido bem decotado, diante de uma igreja. Frida tinha copiado a igreja de uma antiga fotografia de Guillermo.

“O que sua mãe acha disso? Não consigo imaginar que ela não tenha



percebido a contradição entre sua irmã vestida desse jeito tão vaporoso e a casa de Deus.”

Frida sorriu.

“Não mostrei para ela. E Adriana gostou. Tive de repintar muitas vezes, mas felizmente aprendi a fazer os retoques com você. E também como usar o pincel fino de pelo de texugo. Mas tudo bem, porque o cavalete só me permite pintar formatos pequenos.”

“E se ninguém tiver tempo para posar para você?”

“Se eu não achar nenhuma vítima, você está querendo dizer? Então vou me pintar.”

Depois de seu pai ter ido embora, Frida mirou-se novamente no espelho pendurado no alto. Lá enxergou a pessoa que conhecia melhor: ela mesma. Pegou o pincel.

Nos dias e nas semanas seguintes ela realizou uma série infindável de estudos. A cada esboço, a cada tentativa, ela se aproximava das modificações que o acidente tinha operado em seu rosto e em seu olhar. Às vezes, essa visão era por demais pesada, e ela lamentava o que perdera, os meses desperdiçados na cama, com dor, enquanto os outros viajavam para a Europa, como Alejandro, ou estudavam, amavam, viviam. *Então eu vivo na minha pintura*, ela pensou, teimosa. *A vida é bela demais, colorida demais para ser apenas suportada. Quero apreciá-la, quero sentir alegria e amor!*

Enquanto pintava, Frida tinha tempo suficiente para refletir sobre todas essas coisas. E dividia seus pensamentos com algumas amigas especialmente próximas. Uma delas era Alicia Galant, colega da escola, que a visitava com frequência.

“Você ainda se lembra de quando andava de bicicleta por aí num sobretudo azul masculino, com pregadores de metal nas pernas da calça para conseguir pedalar mais rápido? Você usava os cabelos curtos como um menino e era a mais agitada de todas nós.” Alicia se enrolou ainda mais no seu xale, pois o quarto de Frida estava frio.

Frida caiu na gargalhada.

“A sua mãe ficou branca ao me ver pela primeira vez, tamanho o susto.”

Alicia riu.

“Ela chamou você de ‘coisa repulsiva’ e quis proibir de a gente se encontrar, sério!”

“E ela sabe que você me visita bastante?”

Alicia baixou o olhar.

“Ela acha que você não representa mais perigo. Dá quase para imaginar isso, vendo-a assim. Você deixou o cabelo crescer e está usando saias.”

Frida bufou.

“Ela está muito enganada, isso sim.”

Ambas ficaram em silêncio por um instante.

“Por que você está me olhando desse jeito?”, perguntou Alicia.

“Quando você vai voltar? Quero fazer seu retrato. Fique parada assim – não, com a cabeça na outra direção, como antes. Sim, perfeito! Me passe rápido o bloco de desenho, ande! E não se mexa!”

Com traços econômicos de carvão, ela tinha captado o essencial do rosto da amiga. Frida apagou algumas linhas, retrçou-as, acrescentou sombras e apresentou a folha para a amiga.

“Sou eu!”, Alicia exclamou. “Você sabe desenhar de verdade!”

“Você posaria para um quadro a óleo? Aos poucos estou precisando de um outro modelo que não seja eu, senão minha vaidade se tornará patológica.”

Nas semanas seguintes, Alicia veio sempre que tinha disponibilidade, e o quadro foi avançando.

Ao mesmo tempo, Frida trabalhava em mais um autorretrato. Ambos os quadros tinham muitas semelhanças e seguiam o estilo do Renascimento

italiano. O cenário dos dois era escuro; os rostos, colos e as mãos eram pálidos e lisos feito porcelana. Nos retratos, Frida olhava para o observador, enquanto o olhar de Alicia não se dirigia a ele. Ambas usavam vestido de cor única, de tecido nobre e decotes generoso. Eram duas beldades.

Alicia ficou satisfeita quando Frida lhe mostrou o quadro pronto.

“Como você é bonita!”, ela exclamou.

“Vou dar a pintura de presente para Alejandro.”

“Você ainda não se esqueceu dele, não é?”

Frida deu de ombros.

“Ele continua na Europa. No momento, está viajando pela França. Recebi um cartão com a imagem do Louvre. Um cartão em quatro semanas!”

Alicia olhou para ela, preocupada.

“Não se preocupe”, disse Frida. “Vou dar a pintura para ele, que vai perceber o que perdeu. E ele vai voltar para mim.”

Ela não tirava os olhos do quadro. Havia algo nele que ela não queria esquecer, uma promessa. Alguma coisa tinha muita importância naquele quadro. Ela pensou durante muito tempo a respeito, até descobrir: com esse quadro, ela tinha começado a levar sua pintura a sério. Com esse primeiro quadro, sua pintura se tornou um meio contra sua tristeza, um caminho para acabar com suas dores e dar um sentido aos dias. E talvez esse quadro significasse para Alejandro uma entrada no mundo da arte. De todo modo, era a resposta à pergunta que ela costumava fazer: o que a vida lhe deu hoje?



## CAPÍTULO 4 – Outubro de 1927

Quase exatos dois anos após o acidente, depois de inúmeras experiências com coletes ortopédicos e outros de gesso, depois de supostos avanços e outros tantos revezes, o doutor Calderón afirmou que Frida tinha convalescido.

“Agora, você precisa ficar forte e treinar as pernas. Mas não exagere!”, ele a alertou, depois de retirar o colete e examiná-la uma última vez.

Logo depois de o médico ter partido, Frida foi atrás de pregos e martelo e pendurou o colete, pintado e repintado, sobre sua cama. Ela enfiou muitos pregos nele, como se quisesse crucificá-lo.

“Você não quer jogar essa coisa fora?”, perguntou Cristina, espantada. “Isso já a torturou o suficiente.”

“Por isso mesmo”, retrucou Frida. “Quero olhar todos os dias para ele e ficar contente me lembrando do que me livrei. E até que ele fica bem na parede...”

As irmãs olharam para o colete de gesso, que tinha perdido seu ar ameaçador. E que combinava bastante com o esqueleto de papelão ao seu lado.

Frida pensou em experimentar o cavalete, agora no meio do quarto. Uma tela começada descansava ali – uma natureza-morta com flores e o cachorro da casa. Como seria pintar em pé? Em seguida, seu olhar atravessou a janela e se fixou no pátio interno.

“Você vem comigo?”, ela perguntou para Cristina. “Faz tanto tempo que eu não saio!”

“Mas o doutor Calderón disse...”

“Eu sei o que ele disse. Passei os últimos anos neste quarto e fui no

máximo, até o pátio, enquanto você, minhas amigas e os Cachuchas terminaram a escola e estão na faculdade. Carmen já está trabalhando faz tempo e ganha seu dinheiro. Ximena se casou e tem filhos. Todos tiveram tempo de se tornar adultos e achar seu lugar na vida. Agora é a minha vez! Venha logo, antes de mamãe aparecer novamente e me proibir.”

Elas desceram a Calle Allende em direção à Plaza Hidalgo. O ar aveludado tinha um cheiro bom, e Frida sentia-se tão livre! E ela estava contente em ter a irmã ao seu lado, dividindo esse momento especial. Alegres, elas entraram numa das muitas *pulquerías* para tomar um copo do suco de agave fermentado, enquanto desandavam a rir. Depois, Frida subiu, audaciosa, num muro baixo e se esticou na direção das flores de um *flamboyant*.

“Você pode fazer isso?”, perguntou Cristina.

“Claro que sim. Posso tudo!”, exclamou Frida, descendo do muro num salto.

Quando chegaram à praça diante da igreja, elas se sentaram na mureta da fonte com os dois coiotes de bronze que davam nome a Coyoacán. Esticaram as pernas e ficaram tomando sol. Alguns jovens começaram a rondá-las.

Frida sentia uma gratidão infinita por esse momento tão prosaico, que estava apreciando do fundo da alma. Ela tomou a mão de Cristina e apertou-a.

“Venha, preciso ir para casa. Tenho de pintar isso”, disse Frida. Um pouco depois, já na frente do cavalete, enquanto tentava reproduzir o colorido da vida do qual tinha participado naquele dia, ela sentiu felicidade pura.

Como precisava de uma atividade, Frida passou a ajudar o pai em seu estúdio fotográfico. Ela atuava no laboratório e também no retoque e na coloração. Mesmo antes, essas tarefas lhe davam prazer, e retomar antigos afazeres lhe fez bem. Frida trabalhava com cuidado e adorava observar as

fotos nascerem lentamente na banheira de revelação. Nos outros dias, acompanhava-o como antes nas suas andanças pela cidade. Enquanto ele tirava fotos, ela ficava à procura de temas para seus quadros. Frida se acostumou a carregar um bloco de desenho e, no meio do caminho, esboçava com poucos traços crianças índias brincando ou os rostos redondos das mulheres do mercado.

Nessa noite de sábado, Frida tinha combinado de se encontrar com Miguel Lira e alguns outros na biblioteca da Escuela Preparatoria. Ela percorreu o trajeto curto até o ponto do ônibus, no mercado de Coyoacán. Sempre havia muito movimento nas ruas ao redor do mercado, donas de casa e cozinheiras fazendo compras, comerciantes empurrando carrinhos cheios de mercadorias. Algumas mulheres equilibravam seus produtos na cabeça. Por esse costume e por seus trajes coloridos, era possível reconhecê-las como índias. Diante do mercado, estavam dispostos bancos longos e mesas nos quais era possível comer *ceviches* apimentados e camarões. Ao lado, enfileiravam-se tonéis que guardavam o *pulque*. Como sempre, todos os lugares das mesas estavam ocupados. Uma orquestra de *mariachis* estava se apresentando, e o ambiente era ruidoso e alegre.

Frida postou-se com os outros junto ao ponto de ônibus e ficou observando o movimento. O ônibus chegou, um veículo antigo e precário. Quando viu o número desenhado – 382 –, ela ficou em pânico. Esse era o número do bonde que havia trombado com o ônibus no passado. Subitamente, a lembrança do terrível acidente estava de volta.

“*Señorita?*” O homem atrás dela na fila tocou-lhe o ombro, sorrindo. “Está sonhando? Pode entrar.”

Frida desvencilhou-se das lembranças e subiu no coletivo. Depois de alguma hesitação, ela se sentou ao lado de uma camponesa bem gorda, que trazia entre os pés uma cesta grande com galinhas cacarejando. A mulher sorriu, simpática, e escorregou um pouco para o lado.



Mesmo assim, Frida estava nervosa durante a viagem e ficou o tempo todo ajeitando a saia. Ela olhou pela janela, a fim de pensar em outra coisa. Algo a afligia. Miguel Lira logo começaria a atuar como advogado. Além disso, ele era poeta desde quando haviam frequentado juntos a Escuela Preparatoria. Frida o batizara de Chong Lee devido ao seu interesse pela literatura chinesa. Carmen logo seria médica... Alicia estava noiva e sonhava em construir uma família. E ela? O que seria de sua vida? Passar o resto de seus dias ajudando o pai não era solução.

Ela tinha escolhido a escola como ponto de encontro, tamanha era sua vontade de voltar ali. Desde o acidente, Frida não tinha posto os pés naquele lugar. Mas estava fora de cogitação voltar a ser aluna. Os pais não tinham condições de bancá-la. As economias de Guillermo tinham sido consumidas pelos custos dos muitos médicos. Até alguns móveis da casa tinham sido trocados por dinheiro. Por esse motivo, Frida tinha a consciência pesada. Certa vez, durante uma briga com Cristina, a irmã lhe dissera, furiosa, que sua doença havia destruído a família.

Frida suspirou.

No momento, não podia fazer nada além de trabalhar no ateliê do pai e assim contribuir um pouco para os rendimentos da família. Mas ela queria mais da vida. Seu sonho era ter sido médica! *Meu Deus, estou agindo como se minha vida já tivesse passado*, pensou ela, revirando os olhos. *De todo modo, tenho meus quadros. Tenho meus amigos, minha família e fiquei me pintando muitas vezes. Acredito que haja alguns bons retratos entre eles. Talvez eu devesse tentar vendê-los. E se eu me tornasse artista? Mas como é que se faz isso?*

O ônibus deu uma freada brusca, e as galinhas aos seus pés cacarejaram, nervosas. Assustada, Frida despertou de seus pensamentos e suspirou, aliviada, ao perceber que o coletivo tinha apenas parado num cruzamento. Eles estavam passando pela esquina do Mercado San Juan,

local do acidente. O olhar de Frida foi atraído pela vitrine do bilhar ao qual ela tinha sido carregada depois do acidente, enquanto os passantes exclamavam sem parar: “Vejam, a dançarina!”. Eles referiam-se a Frida, que, ensanguentada e com o pó dourado salpicado pelo corpo, devia estar parecida com alguém num palco. Ela não ouviu nada disso na hora, Alejandro é que lhe contou muito mais tarde.

Alejandro, um tema ainda tão sensível... Alguns meses antes, ele finalmente regressara da Europa. Logo enfrentaria as provas finais do curso de Direito, e o tempo passado no exterior iria ajudá-lo a conseguir muitos clientes. Às vezes, eles se encontravam, mas a antiga chama não queria reacender. Frida lhe dera o autorretrato no estilo de Botticelli, mas isso não o trouxe de volta – como Alicia havia antevisto. Essa ferida ainda doía, mas não mais tanto. Alejandro a tinha magoado demais. Quantas cartas ela tinha escrito, relatando seu mais profundo desespero, seus medos de nunca mais se restabelecer, insinuando até suas ideias suicidas... Em todas as cartas ela suplicava que Alejandro escrevesse de volta e a salvasse. Mas o que Frida recebia, a cada par de semanas, eram apenas linhas sem importância. Isso não era jeito de um homem tratar a mulher amada. Frida não conseguia desculpar sua indiferença.

Ela torceu para que ele não estivesse presente no encontro. Sentia cada vez menos vontade de encontrá-lo. Chong Lee, por sua vez, tinha se tornado um amigo fiel. Frida até desenhava seu retrato, mas não gostou do resultado. Ela desenhava melhor as mulheres. O quadro ainda não estava totalmente pronto, senão ela o teria trazido de presente.

O ônibus estava ainda a algumas centenas de metros do Zócalo quando Frida sentiu o cheiro de borracha queimada. O ônibus diminuiu a velocidade e acabou parando, pois a rua estava fechada. Por todos os lugares havia pessoas iradas, gritando palavras de ordem e sacudindo o punho cerrado, mas ela não conseguia entender o que diziam. O motorista se virou, avisando:

“Aqui é o fim da linha”.

Frida desceu e imediatamente se viu em meio a uma multidão que a carregava. O que estava acontecendo? Por que as pessoas estavam tão bravas? A fumaça cada vez mais espessa ardia nos olhos. Ela tentou escapar para dentro de algum prédio, mas era impossível enfrentar a multidão que se dirigia ao Zócalo. De repente, uma mão a tocou e alguém colocou os braços em seus ombros, protegendo-a.

“Miguel!”, Frida exclamou.

“Finalmente, Frida. Estava achando que você não tinha conseguido passar.”

“O que está acontecendo?”

“Você não soube? Hoje, pela manhã, uma fábrica em Insurgentes pegou fogo. Uma dezena de mulheres morreu porque as portas estavam trancadas. Elas não tiveram chance.”

Frida olhou para ele com desespero. Agora entendia o que as pessoas gritavam: “Assassinos!”. As placas exibiam palavras de ordem comunistas. Ela e Chong Lee seguiram os outros até a praça da catedral. Uma jovem subiu na cerca e começou a discursar.

“Por que essas mulheres estavam trancadas na fábrica?”, ela perguntou. “Elas trabalhavam durante doze horas sem o direito de ir ao banheiro. E por quê? Porque são mulheres, e porque recebemos menos do que os homens! Essas mulheres morreram porque um capitalista quis ganhar mais dinheiro ainda! O ser humano não é livre se a mulher não é livre!”

Frida escutava, boquiaberta. Claro que ela sabia que as condições das mulheres eram piores do que as dos homens, que elas tinham de trabalhar mais e ganhavam menos, que muitas vezes cuidavam sozinhas dos filhos que pariam em sequência sem conseguir se defender dos homens bêbados ou violentos ou que as abandonavam. Para saber dessas coisas, era preciso apenas estar no mundo de olhos abertos e ouvir as vizinhas. Mas aprender



tudo isso a partir de um pódio tornava as coisas mais verdadeiras e urgentes. A mulher ao seu lado lhe deu o braço, do outro lado uma outra fez o mesmo. Juntas elas gritavam as frases da oradora: “Igualdade! Justiça! Abaixo o machismo! Abaixo o capitalismo!”.

Com os olhos, Frida procurou Chong Lee, que se separara dela na confusão. Mas ele devia estar em algum lugar perto. Ela se juntou aos gritos, soltando a voz ao máximo, com total convicção. Sentia-se leve e carregada pelas outras mulheres, por suas palavras. A perna não doía. Ela riu abertamente, cheia de confiança. Quando as pessoas ao seu redor cerraram o punho e o esticaram, Frida fez o mesmo.

Os manifestantes gritavam as mensagens de uma maneira ritmada, marchando cada vez mais rápido, com passadas largas rumo ao progresso – era essa a impressão de Frida. Ela os acompanhava e participou do coro da *Internacional* a plenos pulmões.

No dia seguinte, ela foi com Chong Lee até o escritório do Partido Comunista e solicitou sua filiação. Sentiu-se ótima ao sair de lá com sua caderneta vermelha. Era muito bom fazer parte de um movimento que lutava pelo que era certo. Uma vez por semana, ela frequentava os cursos de formação do Partido, onde se lia em grupo textos socialistas. Na sua estante de livros, ela colocou Marx e Engels ao lado de Jane Austen.

Algumas semanas depois de se tornar companheira, um homem muito atraente fez uma palestra no curso. Tratava-se de Antonio Mella, que havia fugido de Cuba e estava no México lutando pela revolução. Ao lado dele sentou-se uma mulher linda, que no final do evento veio falar com Frida.

“Meu nome é Tina Modotti.”

“Você é a fotógrafa!”, exclamou Frida, surpresa. Ela tinha visto fotos de Tina Modotti numa exposição que visitara com o pai. Guillermo não gostou do trabalho, achando-o artístico e político em excesso. Ele era muito

grato ao México desde que encontrara ali uma nova pátria, depois de emigrar da Alemanha. E, para ele, a fotografia sempre fora um meio de reproduzir a realidade, não de distorcê-la criticamente. Frida, entretanto, tinha gostado das fotos muito recortadas e ficou feliz em conhecer Tina Modotti pessoalmente. O passado de Tina era muito rico. Ela era italiana, tinha vivido na Califórnia e participado de alguns filmes mudos. Morava no México havia alguns anos, reunindo ao seu redor artistas e revolucionários, a boemia da capital. Muito bela e simpaticíssima, tinha uma vida movimentada que Frida invejava ardentemente.

“Vou dar uma festa amanhã à noite”, disse Tina. “Venha também.”

“Eu?”, perguntou Frida.

“Você”, respondeu Tina.

Na noite seguinte, Frida sentia-se um tantinho nervosa ao entrar no pátio interno da casa de Tina Modotti. Depois de o portão de duas folhas se fechar atrás dela, os ruídos e a agitação da rua desapareceram por completo. Ali, ouvia-se apenas o burburinho de uma fonte, e ao redor do tanque cresciam plantas de folhas largas. Um assobio agudo se fez ouvir. Frida olhou ao redor e descobriu um papagaio colorido sentado nos galhos, observando-a com a cabeça inclinada. Ele assobiou mais uma vez.

À esquerda e à direita do primeiro pátio seguiam-se outros pátios. Mas onde morava Tina? Frida afiou os ouvidos para saber de onde vinha a música, mas não conseguiu descobrir. Uma petúnia do tamanho de um homem crescia enrodilhando-se numa estrutura de madeira junto à parede. As flores de um vermelho vivo e filamentos muito peculiares, que balançavam ao mais leve toque, eram as preferidas de Frida. Com cuidado, ela colheu duas dessas flores em formato de sino e estava prestes a colocá-las no cabelo quando ouviu a voz de Tina vinda de uma galeria superior que circundava tudo.

“Frida, aí está você. Suba!”

Frida acenou para ela e procurou o caminho.

“A escada está aí na frente, à sua esquerda.”

Tina estava aguardando na entrada, bem junto ao início da escada.

Frida subiu os degraus. No primeiro andar o piso era azulejado, e em todos os quatro lados portas duplas levavam a casa. Diante delas havia mais plantas em vasos de grandes dimensões.

“As flores são para mim?”, perguntou Tina.

Frida olhou para as petúnias que trazia na mão. “Na verdade, eu acabei de colhê-las do seu pátio. Queria enfeitar meu cabelo.”

Tina jogou a cabeça para trás e riu.

“Aqui dentro tem espelho.”

Elas chegaram a uma antessala. O ambiente não estava muito iluminado, algumas luzes distribuía uma luz suave. Frida se posicionou na frente do espelho e tirou alguns grampos de seu penteado a fim de prender as petúnias.

“Daqui a pouco me junto a você”, ela falou para Tina.

Com movimentos precisos, enfileirou as flores como uma tiara no alto da cabeça. Quando terminou, deu um sorriso satisfeito: quem prestasse atenção no seu ornamento não se daria conta da perna torta.

Ela ainda estava com os braços erguidos quando notou pelo espelho um homem às suas costas. Ele era muito grande, e seus olhos escuros a observavam. Esses olhos, que faiscavam por detrás de óculos sem aro, prenderam Frida imediatamente. Eles eram bem separados e, sempre em movimento, pareciam querer saltar das pálpebras ligeiramente inchadas. A intensidade do olhar era inacreditável. *Esse homem enxerga por trás das coisas*, Frida pensou de repente. *Ele enxerga o mundo com outros olhos, e eu gostaria de saber o que está vendo em mim agora*. Ela queria mergulhar nesse olhar, mas queria também observar o restante de sua figura. Ele usava um chapéu redondo de aba larga, terno de *tweed* claro e sapatos enormes. E



continuava a encará-la, embora tivesse percebido que ela estava olhando para ele. Frida ergueu o queixo e virou ligeiramente para o lado, como que para checar se as flores estavam no lugar certo. Enquanto isso, ela o analisava.

“Não acredito nem por um segundo que você seja uma flor delicada”, ele disse, “mesmo que pareça uma.”

Frida olhou para ele sem entender.

“Embora você pareça uma flor, uma flor delicada e frágil, você não é frágil. Você é forte como ela, curva-se ao vento e faz troça da tempestade.”

*Essa sou eu?*, pensou Frida. *Forte e flexível?* A ideia deixou-a feliz. E não é que ele conhecia bem as pessoas e enxergava por trás das coisas?

“Você é bonita. Me lembra as mulheres de Tehuantepec que carregam suas mercadorias na cabeça até o mercado.”

Frida se virou para ele e prendeu a respiração. Diante dela estava ninguém menos que Diego Rivera, o famoso pintor mexicano. Durante a ditadura, ele passara muitos anos na Europa, e, após a queda do ditador Porfirio Díaz, o novo presidente Obregón e seu ministro da Cultura Vasconcelos o haviam trazido de volta, incumbindo-o de contar a história dos mexicanos em paredes inteiras dos prédios públicos. Suas obras falavam uma linguagem simples, que mesmo os analfabetos conseguiam compreender. Frida continuava a encará-lo – e ele fazia o mesmo. Seus olhos ligeiramente inchados conseguiam aquecer o que viam. *Como podiam considerá-lo gordo e feio?*, ela pensou. Elas não o viam direito, não viam o que estava por trás de sua fisionomia. À primeira vista, ele podia não ser muito bonito, mas sua aura o tornava muito atraente para Frida. Dizia-se que ele podia surpreender com seu carinho. E amara um sem-número de mulheres. Frida encarou o terno de tecido grosso que o fazia parecer um gigante.

“Eu a conheço?”, ele perguntou com uma voz surpresa.

Frida olhou fascinada para os lábios sensuais, cheios, com uma clara

proeminência do lábio superior. Sem querer, ela se imaginou sendo beijada por esses lábios. E acariciada pelo seu olhar intenso. Mas esse olhar continha mais que apenas curiosidade. Havia nele algo à espreita, talvez até perigoso, algo que lhe dizia que esse homem podia devorar as mulheres.

Ele a estava deixando cada vez mais nervosa. De repente, Frida se sentiu muito jovem e inexperiente. Como não queria que isso transparecesse, sua resposta foi atrevida:

“Eu estava na escola preparatória quando você pintou as paredes de lá. Naquela época, você carregava uma pistola”.

Ele ergueu a bainha de sua imensa jaqueta e mostrou-lhe o cinto com as balas e o revólver.

“Nunca se sabe”, ele disse.

Diego continuava a avaliá-la, e Frida se sentia cada vez mais acalorada sob seu olhar penetrante.

Nesse instante, os dois estavam diante do espelho, olhando para ele.

“Você ainda é muito jovem”, ele disse.

Frida olhou para si ao lado dele no espelho. Ela tinha consciência da própria idade. Ele certamente contava o dobro da sua. Mas o olhar de Diego dizia mais: ele não se referia apenas à idade dela em anos. Ele sabia que ela ainda tinha a vida toda pela frente. Que tinha diante de si uma vida cheia de promessas. Foi no olhar de Diego que Frida percebeu que o momento de seu maior desespero no hospital ficara para trás. O acidente não tinha roubado todos os milagres, a vida ainda estava por viver.

Essa tomada de consciência fez com que ela perdesse o fôlego. E foi quando se apaixonou por ele. Precisou se afastar um pouco, a fim de digerir a novidade espantosa. Depois voltou a encará-lo.

“Quantos anos você tem?”

Frida continuava a se sentir envolvida por esse momento mágico, mas conseguiu se manter dona da situação. Sem hesitar, respondeu:

“Dezoito”, embora não fosse verdade. Ela já contava vinte e um. Os

pais tinham tirado três anos de seu registro, porque depois da longa enfermidade ela estava velha demais para entrar na escola primária. Frida mantivera essa data de nascimento, pois gostava dela. Além disso, 1910 foi o ano de início da Revolução Mexicana.

Ela pensou se deveria lhe contar sobre seu acidente, sobre o sofrimento que a havia tornado uma mulher com consciência daquilo que importava na vida e que não tinha mais vontade de se curvar. Mas não o fez. Preferiu manter a aura de mistério.

Diego deu um passo em sua direção, até ficar bem perto dela. Frida notou que batia apenas no ombro dele. Ele esticou o braço e tocou a petúnia no seu cabelo com uma delicadeza ímpar.

“Você é realmente maravilhosa”, disse ele baixinho. “E uma piscadela desses seus olhos brilhantes pode fazer o mundo sair dos trilhos.”

“Frida, onde você está? Quero apresentá-la a algumas pessoas.” Tina saiu do salão e parou de repente ao ver os dois. “Ah, devo estar atrapalhando”, ela disse.

Frida deu um passo para trás. “Não, nadinha”, ela disse sem tirar os olhos de Diego.

“Venha comigo”, Tina disse para Frida. E, virando-se para Diego, avisou: “Lupe está procurando por você”. Ela apontou para uma mulher cujos olhos faiscavam de impaciência.

Pegou Frida pelo braço e saiu caminhando.

“Lupe Marín é a esposa dele. Tome cuidado com ela. Sua ira é lendária. E o ciúme também. Sabe que um dia ela quebrou as estatuetas pré-históricas de Diego e depois fez uma sopa com os cacos?” Tina riu da lembrança. “E eles nem são mais um casal. Separaram-se quando ele retornou da União Soviética.”

“Diego esteve na União Soviética?” Frida, conduzida a contragosto por Tina, virou-se mais uma vez para trás.

Tina percebeu.



“Ele foi delegado nas festividades do aniversário de dez anos da Revolução de Outubro”, explicou com admiração na voz, depois ficou séria. “Mas é melhor você não se meter com ele.”

“Por quê? Acho que ele é muito atraente. A gente nunca sabe o que esse homem está pensando. Ele carrega uma pistola e parece um monstro violento, mas tem os lábios mais sensuais que eu já vi, e há pouco ele me tocou com tamanha delicadeza... Suas mãos pareciam borboletas.”

“Você se esqueceu de dizer que ele é um gênio que devolve ao povo mexicano sua honra e sua história nos murais que pinta”, disse Tina. “Mas, apesar disso, ele é... como você o chamou?... um monstro, mesmo que delicado. Ele pode ser inocente feito um bebê, é melancólico, mas semana passada atirou contra um gramofone durante um acesso de raiva. E é um sedutor talentoso...” Tina parou ao notar a pergunta no olhar de Frida. “Sim, fui sua amante. Como talvez quase todas as mulheres presentes hoje aqui. Só posso lhe dizer que vale a pena. Mas não se apaixone, pois ele é como uma criança que quer tudo imediatamente, que se entedia rápido e exige um brinquedo novo. Ele adora seduzir as mulheres, é um devorador delas, viciado no prazer, o homem mais egoísta que já conheci. Sua crueldade é quase corriqueira. Não é sua intenção ou ele não percebe quando torna as mulheres infelizes.” Tina olhou para Frida e tocou-lhe o antebraço. “Se você aceita um conselho, fique longe dele. Você é inexperiente demais para um homem como Diego. Além disso, ele é velho demais para você. Ele vai partir seu coração. E mais uma coisa: não acredite nas histórias que ele contar. São todas inventadas. Agora, venha!”

Tina olhou-se no espelho e ajeitou o cabelo com a mão. Frida observou-a enquanto isso. Tina Modotti era realmente a mulher mais bonita que já tinha visto. Seu rosto era liso feito o de uma deusa, e ela se movimentava com absoluta elegância. Num primeiro instante, Frida se parecia com ela, mas num segundo olhar Tina lembrava uma boneca de porcelana, e Frida, uma índia. Além disso, Tina conquistara o

reconhecimento artístico, e Frida admirava suas fotos da vida nas ruas do México.

*Eu gostaria de ser como ela,* pensou Frida, *vitoriosa na minha profissão e no amor.* Ela alisou a saia e seguiu Tina.

O barulho que dominava a sala lotada fez com que ela se retraísse num primeiro instante. Havia cerca de trinta pessoas presentes, entre homens e mulheres na mesma proporção. As janelas estavam revestidas por longas cortinas vermelhas fechadas que iam até o chão. As paredes eram decoradas por quadros e fotografias emolduradas. A sala estava mergulhada numa luz difusa, iluminada apenas por velas em castiçais de múltiplos braços. Pequenos grupos de pessoas em pé ou sentadas, por todos os cantos, riam e discutiam. Algumas mulheres trajavam vestidos elegantes cheios de renda e *strass* que seguiam a mais nova moda dos Estados Unidos, e a outra metade envergava os uniformes do Partido, saia escura mais camisa e gravata, os cabelos presos num coque atrás da cabeça. Seu único ornamento era um broche com a estrela vermelha. Os homens vestiam ternos de tecidos rústicos, e muitos usavam chapéu ou boina. Devido à sua aparência, Frida destacava-se do grupo. Ela era a única com a roupa tradicional das mexicanas de Tehuantepec, uma saia colorida longa com barra larga de renda e uma blusa bordada. Além disso, as flores no cabelo e adereços chamativos de pedras e prata antiga no pescoço. Ela sentia os olhares curiosos dos presentes, a maioria desconhecida – com exceção de Tina, Antonio Mella e Diego Rivera. Tina puxou-a atrás de si pela mão.

“Parem de ficar olhando para ela. Vou apresentá-la. Ela se chama Frida Kahlo”, ela avisou, pousando um braço ao redor dos ombros de Frida. “Lembrem-se desse nome. Vocês ainda ouvirão falar dele.”

As conversas emudeceram por um instante, e todos olharam curiosos para ela, esquadrinhando-a da cabeça aos pés. Frida se irritou. Não estava acostumada com tanta atenção. Em seguida, riu de maneira desdenhosa e girou, fazendo a saia levantar. Seu olhar percorreu o salão até encontrar

Diego, que estava num canto, de costas para ela, conversando com outro homem.

Frida sentiu um desejo urgente de que ele a visse mais uma vez como pouco antes. Que seus olhos a analisassem de cima a baixo, gravando cada centímetro de seu corpo...

Sem pensar muito, ela também colocou o braço ao redor dos ombros de Tina, virou-se e beijou-a efusivamente na bochecha. As pessoas ao redor deram vivas.

Ela obtivera a atenção completa de todos. Satisfeita, olhou de esguelha e notou que Diego Rivera tinha se virado em sua direção e parado por um instante. Ao reconhecê-la, ele começou a rir. Frida abriu um sorriso radiante que tinha um único destinatário.

“Você só sabe beijar ou também bebe?”, um dos homens por perto perguntou.

Frida ficou muda por alguns segundos. Alguém lhe entregou um copo de aguardente, e quando notou que Diego a observava com a sobrancelha erguida, virou-o de uma só vez. O álcool desceu pelo seu corpo, aquecendo-o. Ela não tirou os olhos de Diego nem por um segundo.

Uma mulher com um imponente nariz adunco sentou-se ao seu lado.

“Sou Anita Brenner.”

“Frida Kahlo.”

“A mulher do acidente.”

Frida franziu a testa. Não queria entrar nesse tema.

“Ouvi dizer que você pinta.”

“Quem disse?”

“Tina. Ela acha que você tem talento. Sabe que estou escrevendo um livro sobre os muralistas e a nova arte mexicana?”, ela perguntou.

“Você está escrevendo um livro?” Frida olhou com interesse para a outra. Mais uma mulher que ganhava a vida com uma profissão artística. No mesmo instante, Frida ficou triste, porque Anita Brenner era mais ou



menos da sua idade, mas não tinha perdido dois anos devido a um acidente.

“Você estudou?”

Anita fez que sim com a cabeça. “Nos Estados Unidos. Com Franz Boas. Meus pais emigraram para lá depois da revolução, mas eu sempre soube que voltaria. O México é o meu país. Me conte, o que você pinta?”

“Pinto o que vejo. Infelizmente não foi muita coisa até agora.”

“Onde é possível ver seus quadros? Você já os mostrou para Diego?”

Diego? E por que não? Por que ela não deveria mostrar seus quadros a alguém que entendesse do riscado?

“Talvez seja tempo de descobrir se você tem mesmo talento”, disse Anita.

Frida ficou agitada ao pensar que alguém pudesse comprar seus quadros.

“Nos últimos meses, tive muito tempo para trabalhar. E conheço história da arte”, ela falou, hesitante.

De repente, percebeu que a atmosfera ao seu redor tinha mudado. Nunca tinha sentido nada igual – era como ser atingida pela onda provocada por um navio gigante. O que era aquilo? Quando levantou o olhar, viu as pessoas à sua frente abrindo passagem para ele. Diego.

Ele se postou diante dela. Não: sobre ela. Para não se sentir ainda menor, Frida se levantou. Apesar disso, ela batia apenas em seu peito.

“Você bebe como um homem.”

“Não, não como um homem. Como alguém que ficou muito tempo sem poder viver e que tem algumas coisas a recuperar.”

O copo dela estava vazio, e ela pegou a garrafa que estava na mesinha. Em seguida, trouxe-a até os lábios e tomou uma golada. Diego não a perdeu de vista, e ela continuou bebendo até esvaziar meia garrafa. Quando a soltou novamente, cambaleou para trás. Ele a segurou, queria protegê-la, mas ela ergueu as mãos, na defensiva. De pé, Frida encarava-o sem rodeios. As pessoas ao redor batiam palmas, divertidas.

“Ora, Diego, acho que você achou sua mestra!”, exclamou Tina. Em seguida, ela trouxe Frida até o centro do salão. “Abram espaço”, ela disse. “Música! Concha!” Ela colocou um braço ao redor da cintura de Frida e esperou.

Frida virou a cabeça, surpresa. Tina estava se referindo a Concha Michel? Nesse instante, sua voz se fez ouvir, e ela reconheceu o timbre profundo e ao mesmo tempo aveludado da famosa cantora. Todos no México conheciam Concha Michel. Ela já tinha cantado na festa de aniversário de Nelson Rockefeller, no Museu de Arte Moderna, em Nova York. Com o cachê, viajara para a Europa e a Rússia, para retornar ao México como comunista declarada. Frida amava tanto suas músicas revolucionárias quanto as românticas.

O violão começou, e Concha cantou baixinho, emotiva, quase sussurrando sobre seu amor perdido: *“Ya me canso de llorar y no amanece. Ya no sé si maldecirte o por ti rezar. Tengo miedo de buscarte y de encontrarte. Donde me aseguran mis amigos que te vas”*.

Tina e Frida movimentavam-se lentamente ao ritmo da música. Na segunda estrofe, a voz se transformou num grito irado, como se Concha amaldiçoasse seu amante infiel. Com movimentos enérgicos, suas mãos giravam pelo ar. *“Quiero ser libre, vivir mi vida con quien yo quiera. Dios, dame fuerza, que me estoy muriendo por irla a buscar.”*

Frida e Tina também passaram a se movimentar com mais rapidez e de maneira mais rítmica, carregadas pelas palmas dos espectadores. Durante todo o tempo, Frida percebeu que Diego não desgrudava os olhos dela.

Quando Concha emudeceu, todos caíram na risada. Frida estava sem fôlego e se segurava em Tina.

“Você tem razão, Concha”, Tina disse à cantora, “nenhum homem vale nosso choro!”. Com essas palavras, ela abraçou Frida e beijou-a na boca.

“Bravo!”, exclamou Diego. Ao seu lado estava a esposa Lupe, ciente de como Diego olhava para Frida e cuja maior vontade era furar os olhos da jovem.

Ainda se recuperando, Frida sentou-se numa cadeira. Alguém lhe trouxe um copo d’água, que ela tomou rapidamente. De repente, todos queriam conversar com ela, sentar-se ao seu lado, conhecê-la.

Frida divertiu-se à beça. Ela flertou, bebeu e dançou. Nunca tinha estado numa reunião tão descontraída, na qual todos os convidados eram interessantes. Muitos eram artistas, e Frida sentia-se bem entre eles. Ela queria fazer parte de seu mundo e perguntou como viviam e como trabalhavam. Nos intervalos, lançava olhares para Diego Rivera.

Em algum momento, ela olhou para o relógio e levou um susto. Era muito mais tarde do que tinha imaginado, sua mãe devia estar preocupada.

“Você deixou uma impressão e tanto aqui”, Tina lhe sussurrou ao ouvido na hora da despedida.

No caminho de casa, de tão alegre e bêbada, Frida queria mesmo era saltar, mas suas costas doloridas a impediam. Entre aquelas pessoas, ela tivera a sensação de pertencimento e de estar exatamente onde nascia algo novo, em meio ao coração pulsante da cidade. Sentia-se atraída por aquelas pessoas. Queria se divertir e, ao mesmo tempo, realizar algo. Ah, como ela tinha sentido falta disso tudo nos últimos anos! Quase esquecera como era se sentir descontraída, cantar, dançar e beber, conversar com gente interessante. Ela queria mais. Sem falta!

Tina Modotti convidou-a novamente para a semana seguinte, e Frida combinou um passeio no Parque Alameda com Anita Brenner, em que discutiria mais uma vez se deveria ou não mostrar seus quadros a Diego. A ideia de revê-lo aqueceu-a.

Os olhares e os gestos de Diego simplesmente não lhe saíam da cabeça. Como ele a observara diante do espelho! Era mais do que uma intuição, ela não sabia bem ao certo como expressar isso em palavras. Mas



lá no íntimo, tinha uma forte sensação de que Diego lhe devolvera a promessa de uma vida completa.

“O que a vida me deu hoje?”, ela sussurrou. E respondeu: “Hoje ganhei algo muito especial. Um futuro cheio de promessas”.

*Porque alguém tocou meu coração.*

## CAPÍTULO 5

Cantarolando, Frida tentava misturar o tom de laranja certo em sua paleta. A índia, que ela havia disposto bem no centro do quadro, dentro de um ônibus, devia estar com um xale dessa cor luminosa. Ela acrescentou mais um pouco de amarelo e ficou satisfeita. Com o pincel muito fino, aplicou a tinta e tentou dar movimento às dobras do pano grande que a mulher trazia enrolado no corpo e no qual carregava o filho. Por fim, ela se afastou um pouco para enxergar melhor o efeito da cor. Uma pontada forte atravessou seu corpo – ela tinha ficado tempo demais junto ao cavalete, e as costas reclamavam.

“Sei que você nunca vai me deixar. Já me conformei com isso. Mas não permito que se transforme em um inimigo mortal e determine minha vida. Agora vou pintar, e você vai me deixar em paz!”, ela falou baixinho.

Esticou os braços sobre a cabeça a fim de alongar a coluna, depois voltou novamente à tela. Não havia tempo a perder.

Nos últimos tempos, desde a noite na casa de Tina Modotti, Frida sentia-se tranquila e alegre como nunca. E, no dia anterior, Anita Brenner lhe fizera uma visita espontânea, querendo ver seus quadros. Ela tinha gostado do trabalho e repetira que seria bom buscar uma orientação profissional. Frida pensou em Diego. Quando se concentrava, ela conseguia sentir novamente o olhar do pintor sobre si como um felino mirando a presa. Nesse olhar, porém, ela também havia vislumbrado grande dose de carinho e delicadeza. Essa recordação já bastava para deixá-la radiante, trabalhando quase sem parar. Pelas manhãs, Frida ajudava o pai na câmara de revelação. No restante do dia, ela se dedicava a pintar, esquecendo-se da dor nas costas.

Cristina entrou de repente, sem bater, como era seu costume. Desde o acidente de Frida, ela simplesmente passara a agir assim, e as irmãs já haviam brigado bastante por esse motivo.

“Por que você está aí sonhando acordada, Frida? Mamãe precisa de ajuda na cozinha.”

“Então vá ajudá-la. Tenho o que fazer.” Frida encarou a irmã até que desse de ombros e saísse do quarto.

Depois de ficar novamente a sós, Frida mergulhou mais uma vez no quadro, inspirado por suas viagens de ônibus à capital.

Bem à esquerda, havia uma dona de casa burguesa sentada ao lado de um trabalhador de sapatos grosseiros e uniforme azul. No meio, estava a índia com o xale luminoso. Ela estava descalça e amamentava o filho. Aos seus pés ficava uma gaiola com galinhas. Um menininho ajoelhava-se ao seu lado no banco e olhava, curioso, pela janela. Ao lado do menino, um homem de chapéu e terno tomara assento. Bem no canto, ela pintou a si mesma num vestido bonito. Do lado de fora, era possível ver as chaminés esfumaçadas de um edifício, que talvez devessem representar a fábrica em chamas; ao lado, um pequeno café chamado La Risa (A Risada). Mais uma vez Frida parou para observar o trabalho. E se ela emprestasse aos viajantes os traços de pessoas conhecidas? Lupe Marín não faria feio como dona de casa a caminho do mercado para encontrar os ingredientes do prato predileto do marido. E Diego seria o trabalhador tosco... O homem elegante poderia ser um dos muitos americanos que vinham em hordas para o México, talvez um colecionador de arte.

A ideia a fez sorrir, e ela puxou uma cadeira. Se baixasse um pouco o cavalete, poderia prosseguir pintando sentada e descansaria as costas.

Parou mais uma vez. Sim, esse quadro ficaria bom. Ela o colocaria junto aos outros que considerava bem realizados. Expusera todos os seus quadros pintados até então nas paredes do quarto, tirando aqueles que achava ruins. Na sua opinião, alguns estavam realmente bons. Os retratos



de Cristina e de Alicia faziam parte desse último grupo. Às vezes, eram apenas detalhes que destacavam o quadro, um olhar especial, uma gargantilha pré-colombiana, que dava ao retratado – em geral ela mesma – uma aura, uma ligação com a história do país. Ela tinha um plano para os melhores...



Três dias mais tarde, Frida colocou dois quadros debaixo do braço e se dirigiu ao Zócalo. Seu coração começou a bater muito forte, excitado, enquanto ela descia a Calle Argentina. Logo estaria no Ministério da Educação, onde Diego pintava os dois grandes pátios internos com um mural enorme dedicado à revolução. Ela atravessou o portão que separava o primeiro pátio da rua e subitamente parou, como se estivesse enraizada. Ao seu redor, nas paredes, sob as arcadas do térreo, bem como nos andares superiores, havia murais gigantes. As colunas e as abóbadas faziam as vezes de molduras naturais. Seu olhar era atraído para todos os lugares por cores luminosas, pela representação de homens e mulheres em seus afazeres cotidianos. A linguagem pictórica era simples, as pessoas eram representadas num estilo notável, quase sem perspectiva, numa composição rígida. A técnica de pintura e a coloração, por sua vez, lembravam os mestres italianos que ela conhecia de seus livros de arte. Frida viu martelo e foice, uma professora diante de crianças índias, mulheres *tehuanas* carregando cestos com frutas na cabeça, camponeses ajoelhados nas suas terras, trabalhadores da indústria... o México inteiro descortinava-se diante de seus olhos.

Enquanto olhava ao redor, ela sentiu cheiro de incenso. Vinha do copal, uma espécie de resina extraída de árvores que era misturada a pigmentos e ligada com sumo de cacto. Ela viu dois homens produzindo assim o azul índigo, ralando os ingredientes em tigelinhas rasas de

cerâmica. Um dos homens notou a presença de Frida e assobiou entre os dentes. A curiosidade dos outros foi despertada, e eles a encararam.

Frida ainda estava muito impactada pela grandiosidade da pintura. O que ela estava fazendo ali com seus quadrinhos não maiores do que um livro aberto? Teve vontade de escondê-los nas costas. Depois, pensou: *bem, ou eu arrego e me arrependo pelo resto da vida ou vou em frente*. Pressionou os quadros contra o peito e procurou por Diego. Não foi preciso muito esforço, pois ele era de longe o maior homem no andaime. Ao seu redor, fervilhavam assistentes e ajudantes.

“Onde está a tinta?”, ele tinha acabado de exclamar. “E aí a cal está muito fina!” A rapidez com que Diego se virou para olhar os dois homens às suas costas fez Frida pensar que ele poderia cair daquele andaime frágil ou entortá-lo. Mas, apesar de sua corpulência e do tremor das tábuas que o sustentavam, ele se movimentava com segurança, era quase gracioso. *Como assim?*, ela se perguntou. *O que Tina havia dito? Que na vida com as mulheres ele era tão sensível como...*

A exclamação alto e bom som arrancou-a dos sonhos.

“Ah, eis a pequena Frida!”, Diego disse tão alto que todos escutaram.

Ela se decepcionou. Por que estava sendo chamada de pequena? Em seu último encontro, ele havia se expressado de um jeito bem diferente. Onde estava sua admiração? Frida se sentia insegura, mas decidiu ir em frente.

“Tenho algo para lhe mostrar. Você pode descer?”, ela perguntou, torcendo para que a voz soasse decidida.

“O que devo ver?”, ele perguntou.

“Quero lhe mostrar meus quadros. Eu pinto.”

“Você pinta?”

“Sim. E Anita Brenner disse que você deveria olhar meus quadros. Então, você vai descer?”

Ele se apoiou no andaime e olhou-a com a testa franzida.

“Tudo bem. Você tem sorte que esses moleirões não misturaram a tinta ainda. Mas não tenho mais de cinco minutos. Ah, se todos fizessem isso...” Diego fez um sinal a alguém.

“Arturo, prossiga aqui. Verifique a cal, assim não dá. Volto logo.”

Frida segurou a respiração enquanto ele vinha em sua direção. De repente, ela ficou com medo da própria coragem. E se ele achasse seus quadros ruins e inexpressivos? O que ela faria? E Tina não havia dito que ele era um Minotauro que seduzia as mulheres até encurralá-las em um labirinto e depois as devorava? Ela esperou, nervosa, até Diego estar na sua frente. Para seu espanto, uma transformação tomou conta dele. Sua voz era baixa, quase carinhosa, ao perguntar:

“O que é que você quer?”

A boa vontade dele dissipou sua insegurança.

“Quero pedir sua opinião sobre meus quadros. Não estou à procura de elogios”, ela disse, “mas da crítica de um homem sério.”

“Sou um homem sério.”

“O que estou querendo dizer é que não sou uma pintora diletante nem amante das artes. Sou simplesmente uma jovem que precisa ganhar a vida. Se você achar que não sou boa e que devo parar, vou obedecer. E procurar outro tipo de trabalho.”

“Calma lá. Vamos ver primeiro”, ele disse, tocando seu antebraço. Frida estremeceu levemente.

Ela se empertigou e mostrou seu primeiro retrato, o de Cristina.

Ele observou longamente o quadro. De vez em quando, Diego lançava olhares para Frida, que os interpretava como sendo de espanto e algum reconhecimento. Ele passou a mão com cuidado pelas faces de Cristina e seguiu o traço do pincel com a ponta dos dedos, muito delicadamente. Em seguida, pigarreou.

“Hum. Nada mau. Gosto das cores, e a perspectiva ligeiramente



inclinada é incomum. Como se você a tivesse visto ao passar. Quem é?”

“Minha irmã Cristina.”

“Vou visitar você para conhecê-la. Assim, saberei como o original foi interpretado. Mas nada mau, meus parabéns.” Ele estava falando mais para si mesmo, enquanto observava o quadro seguinte, a cena do ônibus. “Você pintou mais coisas?”, ele perguntou por fim.

Frida fez que sim com a cabeça. Mal conseguia acreditar na sua sorte.

“Semana que vem? No domingo?”

Ela repetiu o sim.

Ele deu uma risada ruidosa.

“Agora você ainda deu para ficar muda? E também manca!”

Frida encarou-o com seu olhar escuro e faiscante – e o efeito não se fez esperar. Os olhos de Diego exprimiam desejo.

“Então até a semana que vem”, ela disse. “Moro em Coyoacán, na Avenida Londres, 126.” Em seguida, Frida pegou suas telas e foi embora.

Apenas quando contou para Cristina que o famoso Diego Rivera tinha elogiado seus quadros e que iria visitá-la na semana seguinte é que percebeu a dimensão do acontecido. Ela pegou a irmã pelas mãos e girou-a, exultante.

“Vou me tornar pintora”, exclamou. “Pintarei quadros, e minha vida será bela e interessante!”

“E Diego também quer me ver?”, perguntou Cristina, nervosa.

“Mas apenas para checar como eu pinteí você. Fique alerta, ele não é homem de uma só mulher.”

No domingo seguinte, Diego realmente apareceu. Ele tinha se anunciado para o final da tarde. A mãe de Frida ficou decepcionada ao saber.

“O que esse homem horrível quer na nossa casa?”, ela perguntou. “Não permito que minha filha se meta com gente tão má afamada. Ele é

comunista!”

Frida lançou um olhar de alerta para Cristina, que estava sentada à sua frente na mesa do café da manhã. Ela tinha contado à irmã que havia se tornado membro do Partido Comunista e que frequentava manifestações e reuniões. Mas aí dela se desse com a língua nos dentes para Matilde – em retaliação, Frida contaria que alguns dias antes vira Cristina aos beijos com o tal Pablo. Felizmente, sua irmã apenas ria ironicamente às costas da mãe.

“Vou apenas mostrar meus quadros”, Frida tentou acalmar a mãe. “Ele me dirá se devo continuar pintando ou não. Mamãe, imagine só a oportunidade para mim! Ainda mais porque eu não posso voltar à escola. E se um dia minhas costas me deixarem na mão de novo...”

Um olhar bravo da mãe silenciou-a. Esse não era um tema passível de discussão.

Quando chegou a hora, Frida tremia de nervoso esperando por Diego. Pela milésima vez, ela vistoriou seu quarto. Sobre a cama havia uma coberta de crochê; o espelho que ela tinha usado para pintar continuava pendurado debaixo do baldaquino. Sobre o baldaquino, ela tinha colocado um esqueleto de papel machê de dimensão humana, com lábios e unhas escuras. Era para lembrá-la de seu encontro com a morte no hospital. Seus quadros estavam encostados na parede, como se aguardassem Diego.

Ela também já trocara duas vezes de roupa. Naquele momento, estava usando uma saia longa de seda amarela com renda na barra, com a qual conseguia esconder a perna fina, e uma túnica sem mangas e de corte quadrado, branca, bordada com fio vermelho no decote e nos ombros. Ela tinha encontrado esse traje tradicional chamado *huipil* no armário da mãe e o tomara emprestado. Frida se olhou no espelho. A luz do sol atravessava a porta aberta às suas costas e batia no cabelo, que brilhava. Ela olhou para o pátio, a fim de checar se Diego já tinha chegado. Todos os cômodos da casa dos seus pais davam para o pátio, e uma desvantagem desse tipo de construção é que nunca havia uma verdadeira privacidade. A partir do pátio

era possível enxergar o interior de praticamente todos os quartos. Frida sabia que a mãe estava na cozinha para não perder de maneira alguma a chegada de Diego Rivera e dar uma boa olhada nele.

Impaciente, ela saiu para o pátio, que recendia maravilhosamente a flor de laranjeira. Ao redor da antiga árvore, que ficava bem no centro, cresciam todo tipo de plantas em grandes cubas.

Sem pensar, Frida encostou no galho mais baixo e subiu na laranjeira. Ela sabia exatamente onde devia encaixar o pé. Quando criança, tinha passado horas se escondendo entre a copa fechada, observando dali a movimentação da casa e da rua. Ninguém da família sabia desse lugar secreto, que era apenas seu. Às vezes, as pessoas ficavam alvoroçadas, porque ninguém a encontrava. “Frida, você parece um fantasma!”, disse a mãe certa vez quando Frida apareceu do nada na sua frente, depois de ter sido procurada por horas.

Ela acompanhou a chegada de Diego pela Calle Londres. Ele atravessou o portão e se dirigiu ao pátio. No momento em que ele olhou para os lados à sua procura, ela começou a assobiar a *Internacional*. Espantado, ele a descobriu acima da sua cabeça.

Ele soltou uma gargalhada.

“Você pode fazer o favor de descer? Ou devo subir até aí?”

Ao imaginar aquele homem pesado subindo numa árvore, Frida começou a rir. Ela desceu com agilidade. O gelo entre eles fora quebrado.

“Onde você encontra os seus temas?”, ele perguntou com as mãos apoiadas na parede enquanto observava seus quadros.

“Pinto o que está à minha volta. Eu... eu saí muito pouco de casa nos últimos tempos.”

“Sei do seu acidente”, ele a interrompeu. “Por isso você às vezes anda de um jeito engraçado.”

Ela não o deixou continuar.

“Não havia outros temas. Só minha família e eu mesma. Não consigo



pintar a revolução, como você. Minha revolução é interna. Eu também sou uma revolução.”

“Uma revolução?”

Frida fez que sim.

“Sim. Nos meus quadros, estou à minha procura. Procurando aquilo que restou de mim depois daquele maldito acidente. Fui despedaçada naquele ônibus. Nos meus quadros, tento me recompor. Procuro algo que me conecte à vida.”

Enquanto falava, Frida olhava com expectativa para Diego.

Ele fez silêncio e olhou longamente nos olhos dela. Frida percebeu que ele compreendia o que ela queria dizer.

“Continue pintando”, ele disse por fim. “Pinte a sua revolução. Enquanto estiver pintando seus quadros, não tenha medo de nada. Coloque tudo para fora. Não permita que nada nem ninguém a impeça.”

Em poucos passos ele estava junto à porta.

“Voltarei semana que vem.”

A partir de então, eles passaram a se ver regularmente. Não apenas em Coyoacán, mas também na casa de Tina Modotti ou nos bares e cafés da cidade, onde ouviam a música dos *mariachis*, bebiam e riam. Diego incentivou-a a participar do sindicato dos artistas que ele havia ajudado a fundar. Ele não seguia os estatutos exatamente, cabulava uma ou outra reunião do Partido e, por honorário adequado, estava disposto a trabalhar também para o inimigo de classe. Frida não se incomodava com isso. Ela gostava da independência dele. Imediatamente, ela se envolveu em outras tantas atividades partidárias, e o fez com gosto. Era boa a sensação inebriante de percorrer as avenidas da cidade de braços dados com os companheiros, clamando por mais justiça. Rapidamente, contatou outras ativistas e também encontrava Chong Lee com frequência. Frida estava feliz com a nova vida, na qual tinha uma tarefa e lutava por uma boa causa. Mas

ela gostava mesmo era de estar com Diego. Com ele era possível conversar sobre tudo. Ela lhe contou do acidente, dos sentimentos de culpa que a acometiam e das dúvidas que tinha tido durante a estada no hospital. Ela também falou da mãe, que exigia que ela vivesse como uma mulher mexicana padrão.

“Mas eu nem acredito em Deus”, ela disse. “É muito menos que um homem valha mais do que uma mulher.”

“Então você acredita em quê, Friducha?”

Frida ficou encantada quando ele a chamou pela primeira vez por esse apelido. “Acredito na arte. E no amor.”

Diego falava sobre seus quadros, e Frida reconhecia o gênio que ele realmente era. Ela admirava sua generosidade e o modo como ele aceitava todas as pessoas sem qualquer pré-julgamento, independentemente de serem camponeses pobres, analfabetos, ou de serem ricos e famosos. Ele as conhecia e amava todas. Ela tinha fascínio pela sua paixão contagiante pela arte e pela sua luta por justiça e liberdade para todos os mexicanos. Ela estava impressionada com seu conhecimento sobre história da arte e sobre os precursores políticos da revolução. Caminhava ao seu lado e quase morria de rir com suas histórias malucas, que ele contava com gestos amplos. Gostava quando ele desatava a recitar poesias ou a cantar. Ao lado de Diego, Frida não sentia nem um minuto de tédio; ao lado dele um mundo novo se abria, e ela o absorvia com avidez. Diego permitia que ela participasse de sua vida, e isso a deixava orgulhosa. Ele a encorajava a pintar, dava dicas e sugestões quando ela lhe mostrava os quadros. Ele a fazia feliz.

“Naquela época, depois do acidente, eu tinha desistido de mim. Eu acreditava que minha vida havia terminado, pelo menos não haveria mais milagres à minha espera. Durante alguns meses, cogitei inclusive me suicidar.” Ofegante, ela aguardou a reação dele. Esse seu segredo nunca tinha sido partilhado com ninguém, e mesmo com Alejandro ela se

mantivera reservada a esse respeito.

Diego, sentado ao seu lado, virou-se lentamente para ela.

“Mas por quê, Frida? Sua vida está à sua frente. E é cheia de promessas, que acabarão se concretizando uma depois da outra.” Ele fez silêncio e olhou para ela. Depois, disse em voz baixa: “E eu gostaria de estar ao seu lado nessas horas”.

Em Frida, pouco a pouco, crescia a certeza de que ela poderia retroceder sua vida ao tempo anterior ao acidente. Com Diego ao seu lado, tudo parecia possível. Ela não parava de descobrir lados novos dele, que a encantavam e atraíam.

Apaixonou-se perdidamente. Para Frida, Diego era o homem mais bonito e sensual do mundo. No início, a atração física era secundária, pois ela nunca tinha sentido nada tão profundo por ninguém, nem mesmo por Alejandro. Diego era parte do milagre que a vida lhe entregava. Os dias em que eles não se viam se tornavam tristes para Frida.

Algumas semanas após seu primeiro encontro, Frida passou o dia com Diego no Ministério da Educação, como já costumava fazer com frequência. Ela subiu no andaime, sentou-se ao seu lado e observou-o pintar. A noite chegou, e ele parou de trabalhar. Como sempre, Diego fez questão de acompanhá-la até em casa. Eles tinham transformado o hábito num pequeno jogo íntimo.

“Eu sei o caminho”, dizia Frida a cada vez.

E ele sempre respondia, espantado:

“Sei disso! Mas quero ficar mais um pouquinho em sua companhia.”

Eles tomavam o bonde até a Plaza Hidalgo, em Coyoacán, e depois percorriam lentamente o caminho da igreja até a casa dos pais de Frida.

Frida não soube o que deu nela, provavelmente eram apenas os sentimentos em alvoroço devido a esse homem tão simpático ao seu lado. De repente, tomou a mão dele e segurou-a na sua.